

# RINCÃO DOS ALBINOS UM GRANDE SÍTIO JÊ MERIDIONAL<sup>1</sup>

Pedro Ignácio Schmitz<sup>2</sup>  
Jairo Henrique Rogge<sup>3</sup>  
Raul Viana Novasco<sup>4</sup>  
Natália Machado Mergen<sup>5</sup>  
Suliano Ferrasso<sup>6</sup>

## Resumo

O texto divulga as pesquisas realizadas em 2011 e 2012 no sítio SC-CL-70/71, na localidade de Rincão dos Albinos, município de São José do Cerrito, no planalto das araucárias de Santa Catarina. O sítio compõe-se de 107 'casas subterrâneas' e alguns montículos de terra, dispostos ao longo de fluxo de água, nascido de um pequeno banhado de altura. No sítio foram escavadas, parcialmente, 10 casas e feitos 21 cortes estratigráficos de 1 m<sup>2</sup> no entorno das mesmas. As casas, muito próximas umas das outras, eram ocupadas mais de uma vez e durante os primeiros séculos (VI a X) não tinham cerâmica. A ocupação se apresenta como de acampamentos passageiros e coincide com a expansão inicial de *Araucaria angustifolia* sobre os campos do planalto. O sítio representa o momento em que, por primeira vez, captamos abundantes assentamentos do Jê Meridional no planalto do Sul do Brasil.

**Palavras-chave:** Rincão dos Albinos, São José do Cerrito, 'casas subterrâneas', acampamentos passageiros, ausência de cerâmica.

## Abstract

The text divulges investigations made in the years 2011 and 2012 on the site SC-CL-70/71, in Rincão dos Albinos, municipality of São José do Cerrito, on the araucária highlands of Santa Catarina. The site consists of 107 pit houses and some earthen mounds, disposed along a little creek, whose origin is a neighboring swamp. We excavated partly 10 houses and, in the vicinity, 21 stratigraphic cuts. The houses are very close together, had multiple occupations and through the first centuries (VI to X) had no ceramics. The settlement suggests ephemeral camp sites, coincident with the initial *Araucaria angustifolia* expansion. The site represents the moment we can capture, for the first time, abundant Jê Meridional sites.

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq, FAPERGS e UNISINOS. Apoio da Prefeitura Municipal de São José do Cerrito.

<sup>2</sup> Bolsista de produtividade sênior do CNPq. E-mail: anchietano@unisinis.br

<sup>3</sup> Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: rogge@unisinis.br

<sup>4</sup> Mestre em História pela UNISINOS. E-mail: raulnovasco@gmail.com.

<sup>5</sup> Bolsista de Iniciação Científica PIBIC. E-mail: natalia.mergen@gmail.com

<sup>6</sup> Laboratorista no Instituto Anchietao de Pesquisas. E-mail: suliano.ferrasso@gmail.com

**Key words:** Rincão dos Albinos, São José do Cerrito, pit houses, camp sites, without ceramic.

## 1. Introdução

O presente trabalho relata a pesquisa feita no lugar denominado Rincão dos Albinos, comunidade do município de São José do Cerrito, situado nos Campos de Lages, no planalto de Santa Catarina.

O sítio localiza-se numa altitude de 950 m, no médio curso do arroio dos Ribeiros, um afluente da margem esquerda do rio Canoas que, junto com o rio Pelotas, formam o rio Uruguai. O ambiente local, até recentemente, era de Floresta Ombrófila Mista com Araucária e de campos de altitude. O sítio foi localizado por Maria José Reis, que o incluiu em sua dissertação de mestrado (1980), publicada posteriormente na coleção 'Clássicos da Arqueologia' (Reis, 2007). Ela apresentou o local como formado por dois sítios, SC-CL-70 com 36 'casas subterrâneas' e SC-CL-71 com 68 'casas subterrâneas' e 10 montículos de terra, localizados em lados opostos de um pequeno fluxo de água que nasce de dois rastos banhados próximos. Os sítios de Reis não distam entre si mais que 100 m e formam um só assentamento. Além da topografia, ela não fez nenhuma intervenção nos sítios.

O local foi visitado pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas em 2009 e 2010 para conhecimento, sem qualquer intervenção no terreno. Em 2011 foram realizadas escavações na parte que Reis identificou como SC-CL-70 e em 2012 na parte que identificou como SC-CL-71, cada vez durante quatro semanas.

O trabalho de campo foi realizado pelos professores Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marcus Vinicius Beber, o funcionário Suliano Ferrasso, o doutorando Marlon Borges Pestana, os mestrandos Juliana Soares, Raul Viana Novasco e José Afonso de Vargas, os bolsistas de Iniciação Científica Ismael da Silva Raupp, Fabiana Maria Rizzardo, Marlon Frasson (FAPERGS), Natália Machado Mergen, Jéssica Juncoski Neto e Tainara Macedo Machado (CNPq) e pela aluna da Unochapecó Amanda Souza. Raul Viana Novasco, junto com Natália Machado Mergen fizeram a topografia. O texto básico é de Pedro Ignácio Schmitz, os desenhos de Jairo Henrique Rogge, com exceção do material lítico, desenhado por Natália Machado Mergen.

As intervenções e seus resultados formam o conteúdo do presente texto.

A pesquisa atual foi precedida, em 2008, 2009 e 2010, por escavações no lugar chamado Boa Parada, junto à sede do município, onde existem 19 sítios com 'casas subterrâneas', um 'danceiro' com quatro 'estruturas anelares' e 4 aterros-plataforma. Na oportunidade foram feitas intervenções em 5 casas subterrâneas e no 'danceiro', cujas datas vão do século XI ao século XVII de nossa era, período considerado de máxima expansão do povoamento com 'casas subterrâneas' (Schmitz *et al.*, 2010). Em 2013 a equipe voltou à Boa Parada. Seus resultados são relatados em outro artigo do presente volume.

Além das intervenções nos assentamentos da Boa Parada, a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas visitou regularmente os demais sítios do município de São José do Cerrito, observando seu estado de conservação e a contribuição que eles poderão dar na continuação do projeto (ver Beber, neste volume).

Embora houvesse outros sítios grandes na bacia do rio Canoas (De Masi, 2005, 2009 e sem data; Corteletti, 2012), o assentamento do Rincão dos Albinos, registrado por Reis como SC-CL-70 e SC-CL-71, chamava atenção pelo número e aglomeração extraordinária de ‘casas subterrâneas’. Ele parecia ocupar um lugar especial no povoamento da área, ou como uma grande aldeia, ou como um lugar de importância social, ritual ou econômica.

A pesquisa indica tratar-se de um lugar de múltiplos retornos, hipoteticamente para coleta da semente da Araucária e de frutas do mato, junto ao que seria um pinheiral pioneiro, no início do povoamento efetivo do planalto, na segunda metade do primeiro milênio de nossa era. Nesse tempo o pinheiro ainda não seria abundante, e bosques isolados atrairiam a população dispersa pelos campos, nas estações de verão e de outono. É muito provável que este movimento anual em busca de alimento abundante também se desdobrasse em atividades sociais e rituais, tornando o sítio uma referência regional.

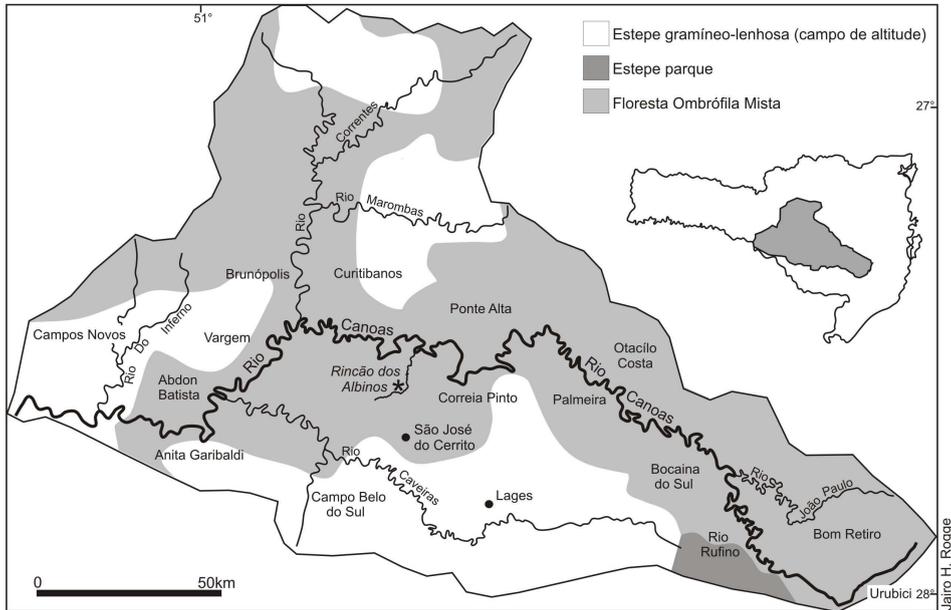
A importância do sítio está no fato de que ele permite visualizar as primeiras instalações do Jê Meridional, ainda sem cerâmica e sem estabilidade residencial, no Planalto das Araucárias. Olhando ao redor percebe-se, entretanto, que ele não está sozinho. É possível associar a ele achados de cronologia semelhante, tanto no planalto como no litoral do Estado, indicando que, já nesse tempo, existe um povoamento mais amplo e diversificado, cobrindo ambientes diferentes do subtropical brasileiro (Schmitz & Rogge, 2012; Farias & Schmitz, 2012). Com isso tornou-se possível elaborar a primeira etapa conhecida do povoamento jê meridional, cuja origem é colocada pelos linguistas nos cerrados do Brasil Central, donde teria começado a se deslocar ao redor de três mil anos atrás (Urban, 1992; Wiesemann, 1978).

## **2. O sítio do Rincão dos Albinos, no município de São José do Cerrito, SC**

O sítio localiza-se nos Campos de Lages, no planalto de Santa Catarina, em área de drenagem da bacia hidrográfica do rio Canoas, que nasce nos contrafortes da Serra Geral e flui para o ocidente, onde com o rio Pelotas, forma o rio Uruguai (figura 1).

Para uma rápida caracterização do ambiente usamos o Atlas de Santa Catarina (2008). Em termos de Geomorfologia ele está situado no planalto dissecado da Bacia do Uruguai, mais especificamente na média vertente de um alto esporão basáltico, que atua como divisor de águas dos sistemas de drenagem dos rios Canoas e Caveiras. Esta área é composta por vales formados pela dissecação fluvial, que atuam como corredores de recepção de ventos, umidade, frio e calor do vale do rio Canoas. Em termos de litoestratigrafia as rochas locais pertencem à Formação Serra Geral, como o basalto, o andesito, o riolito e variações de arenito. O basalto é a principal

matriz pedológica da região, que é formada basicamente por Cambissolos e Neossolos litólicos. A associação das características geológicas e pedológicas explica o baixo teor de permeabilidade do solo nessa área, que ocasiona a formação de bacias de acumulação de água (banhados) e torna o lençol freático pouco profundo.



**Figura 1:** A bacia do rio Canoas com localização de São José do Cerrito e do Rincão dos Albinos.

A temperatura média anual varia, hoje, entre 16°C e 18°C; a precipitação anual de 1600 a 1800 mm; a umidade relativa do ar, durante o ano, fica em torno de 80%.

A cobertura vegetal é de Mata Mista com Araucária entremeadada de campos de altura.

No alto pontão da borda da chapada basáltica, numa altitude de 950 m, Maria José Reis (2007) havia localizado o conjunto de 104 casas subterrâneas e 10 montículos. Eles formam um só assentamento, disposto ao longo de um quase imperceptível fluxo de água, que nasce de dois pequenos banhados de altura, nos quais um anfiteatro formado por terreno mais elevado junta as águas das chuvas àquelas de um alto lençol freático. Antes de alcançar a encosta e se juntar ao arroio dos Ribeiros, o pequeno fluxo é detido por uma cota mais alta do terreno, transformando-se num banhado maior, provavelmente pequena lagoa, para o qual todas as casas parecem voltadas.

Numa visão aérea o espaço do sítio apareceria como uma clareira com gramíneas cobrindo o terreno aplanado, e uma mata mista com araucária, cobrindo as encostas (figura 2).

Ao pé da encosta, formada por sucessivos degraus ou patamares estruturais, o arroio dos Ribeiros, nascido no esporão basáltico divisor de

águas entre o rio Canoas e seu afluente Caveiras, ora serpenteia na pequena planície que formou, ora acelera o curso entre blocos rochosos, criando pequenas corredeiras. Os fluxos de água, que nascem na proximidade do sítio desembocam nesse arroio.

A vegetação local apresentava-se, ainda no século XX, como um variado mosaico, de mata, pontilhada de clareiras, e de campos, o que favorecia a diversificação da fauna e oferecia a base para a presença humana, especialmente no período quente do ano em que os recursos vegetais e animais seriam mais abundantes. Esta paisagem era dinâmica, enriquecendo nos dois primeiros milênios de nossa era pelo avanço da mata sobre os campos originários e empobrecendo a partir de meados do século XX, pela retirada dos pinheiros mais antigos e a derrubada para instalação de pastos e cultivos. As características básicas ainda permanecem no entorno do sítio porque o terreno ali é acidentado e úmido. Por essas razões o pequeno espaço do sítio forma, hoje, uma ilha na paisagem, na qual dominam lavouras, pastos limpos e plantações de *Pinus eliottii*.

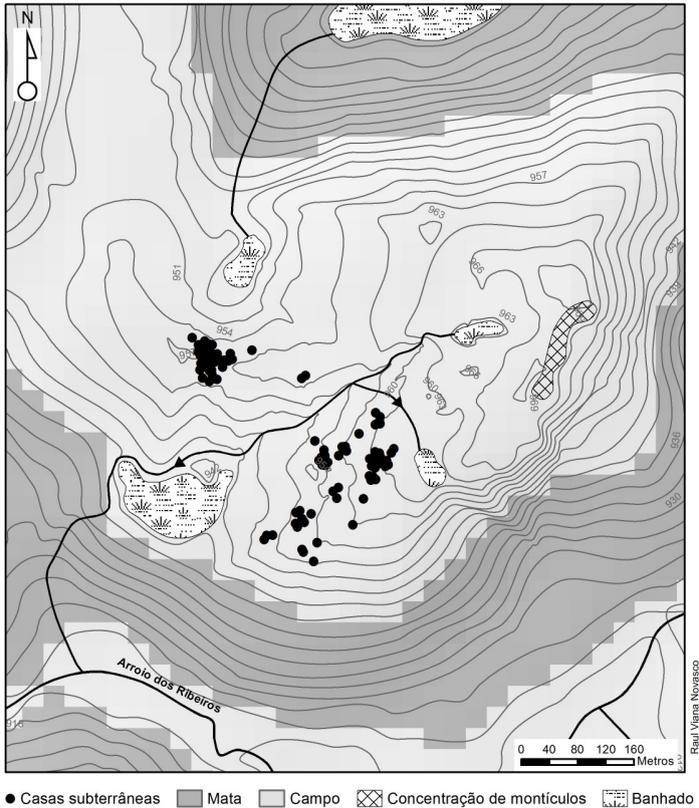
No local, a diversidade e distribuição vegetal são produzidas pela maior ou menor tolerância que as espécies têm para a água do lençol freático, bastante elevado. No leito dos pequenos banhados, do fluxo de água e na encosta ascendente que ainda verte água, o terreno está coberto por vegetação herbácea, que seria alta sem a presença do gado. A partir de certa altura da encosta, no meio dessa vegetação, surgem isolados, mas numerosos, arbustos de Goiabeira da Serra (*Acca selowiana* [O. Berg.] Burret). A mata com *Araucaria angustifolia* ([Bertold.L.] Kuntz.) ocupa o suave dorso do terreno, mantendo um limite bem marcado com a vegetação herbácea, definido pela altura do lençol freático. Precursor dessa mata, mas passageiro, é o Guamirim (*Calypthranthes* sp), que desaparece quando no seu meio se desenvolvem árvores de copas mais fechadas. Entre estas predomina o 'Bugre' (*Lithraea brasiliensis*), que forma os troncos maiores no entorno e na borda das casas subterrâneas, usufruindo para se desenvolver da terra movimentada pelo Homem. Ele vem acompanhado do Cedro (*Cedrella fissilis*), da Guabiroba (*Campomanesia xantocarpa* O. Berg.), do Guabiju (*Myrciantes pungens* [O. Berg.] D. Legrand) e do Araçá (*Psidium cattleianum* Sabine), originalmente dominados pelas copas da Araucária. Pinheiros isolados, sem as demais espécies que, em conjunto, caracterizam a Mata Mista com Araucária, crescem em toda a encosta, mesmo onde o lençol freático é alto (fotos 1 a 4 no fim do texto).

Este ambiente atraía mamíferos, como veados, porcos do mato, felinos, caninos, macacos e antas, e aves, como a ema, a seriema, a curicaca, o papagaio e a gralha, animais que estariam gordos no período em que maduravam as sementes e frutas do mato. O Homem acamparia junto a estas formações para usufruir desses bens, na estação em que estavam disponíveis em abundância.

O ambiente não terá sido igual ao de hoje quando os primeiros ocupantes ali acamparam. Os campos dominariam ainda mais a paisagem e a mata estaria restrita a pequenos espaços em encostas voltadas para o sul e o

leste, onde o clima lhe teria sido mais favorável (Mattos, 2011). A distribuição e abundância dos animais, com isso, também seriam diferentes.

Na figura 2 buscamos criar uma imagem do sítio e de seu ambiente: o campo, o mato, os banhados e o fluxo de água, a distribuição das casas e dos montículos separados.



**Figura 2.** A implantação do sítio.

Na margem esquerda do pequeno fluxo de água da chapada, ao qual acompanham por 120 m, encontram-se reunidas, em pequenos conjuntos, 68 'casas subterrâneas' e 10 montículos de terra.

As 'casas subterrâneas', representadas por depressões semiesféricas, circundadas por acúmulos de terra proveniente de escavação, concentram-se em pequeno dorso de terreno, distante entre 60 e 100 m do fluxo de água, onde o lençol freático não é tão elevado. A quase totalidade delas está dentro do perímetro do que hoje é mata. Algumas avançam para uma área das gramíneas, sobre um desdobramento de terra elevada, em cuja extremidade mais avançada cinco casas produziram altos aterros proporcionando o

desenvolvimento de um pequeno e denso bosque do pioneiro Guamirim. Isto ilustra o que antes falamos sobre o crescimento da mata em decorrência da atividade humana. Mesmo estando dentro da mata, algumas casas mais próximas da borda, são invadidas pelas águas subterrâneas.

Para conseguir uma idéia aproximada do tamanho das estruturas habitadas pode se usar o diâmetro das depressões, embora não se postule uma proporção direta entre estas e o tamanho da habitação. Usando, então, as medidas das depressões como foram registradas por Reis, é possível separá-las em maiores (depressões com 6 a 8 m de diâmetro), médias (5 a 5,5 m de diâmetro) e pequenas (4 m de diâmetro ou menos); as profundidades, antes da escavação, variavam de 1,1 a 0,6 m. Tomando como referência essas medidas, 12 (17,64%) podem ser consideradas maiores, 29 (42,64%) médias, 27 (39,70%) pequenas. As categorias de tamanho, aqui usadas, são relativas ao sítio e não ao conjunto de casas subterrâneas do município; as casas subterrâneas da Boa Parada são regularmente maiores.

Os 10 montículos, provável resultado de sobras de terra depois do nivelamento das bordas das depressões, têm formas circulares ou alongadas, cujas dimensões vão de 2,5 a 5,0 m, com alturas menores que 1 m.

Na margem direita, frente a estas, mantendo igual distância da água, encontram-se outras 39 depressões, num espaço não maior que 50 por 80 m. Destas, são consideradas maiores 9 (23,07%), médias 8 (20,51%), pequenas 22 (56,41%). Nenhum montículo de terra.

No terreno elevado, que capta a água da chuva para o banhado que dá origem ao fluxo de água, foram vistos, mas não estudados, diversos montículos isolados de terra, que podem ser túmulos (ver na figura 2).

Este é o maior assentamento conhecido de 'casas subterrâneas' e sua compreensão foi o objetivo de nossa pesquisa.

A abordagem do sítio previu uma topografia minuciosa para captar a localização precisa das depressões registradas por Reis e, se possível, as sobreposições que chamavam nossa atenção desde o começo, ao percorrer o sítio. Incluiu intervenções em dez por cento das depressões para estabelecer sua forma, ocupação e datação. A intervenção básica nas depressões foi de um corte de 2 x 1 m, no centro, ou do centro em direção a uma parede, acrescido de mais um ou dois metros, se necessário para definir melhor a forma e a ocupação. Intervenções foram feitas em depressões maiores, médias e pequenas, com variada disposição e distribuição no sítio. No entorno das casas foram realizados 21 cortes de 1 x 1 m, distribuídos em linha ou grade, em distâncias regulares, para verificar a ocupação do espaço externo. A remoção dos sedimentos foi em níveis de 10 cm, acompanhando a declividade da superfície, registrando os materiais encontrados, por nível, em planilha milimetrada e em foto. Carvão foi recolhido em todos os níveis para datação e outras observações. Todo o material escavado foi levado ao laboratório, onde foi separado, limpo e analisado. Foram realizadas 18 datações de C<sup>14</sup> na Beta Analytic Inc. para estabelecer a cronologia da ocupação local através da sequência da construção e da ocupação das casas e do seu entorno.

O trabalho de campo foi realizado durante quatro semanas em janeiro de 2011, nas estruturas da margem direita, e quatro semanas em janeiro de 2012, nas estruturas da margem esquerda. A execução foi da equipe de arqueologia do Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos e colaboração da Prefeitura Municipal de São José do Cerrito; o apoio financeiro foi da Unisinos, da FAPERGS e do CNPq.

Resultados prévios foram divulgados em artigo intitulado '107 'casas subterrâneas' no povoamento inicial do Planalto de Santa Catarina', na Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Schmitz & Rogge, 2011) e em comunicação apresentada no II Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-história, Dourados, MS, intitulada 'Pesquisando a trajetória do Jê Meridional no planalto de Santa Catarina' (Schmitz & Rogge, 2012).

### 3. As estruturas da margem direita

Coordenadas geográficas: 27°31'42"S – 50°37'47"W

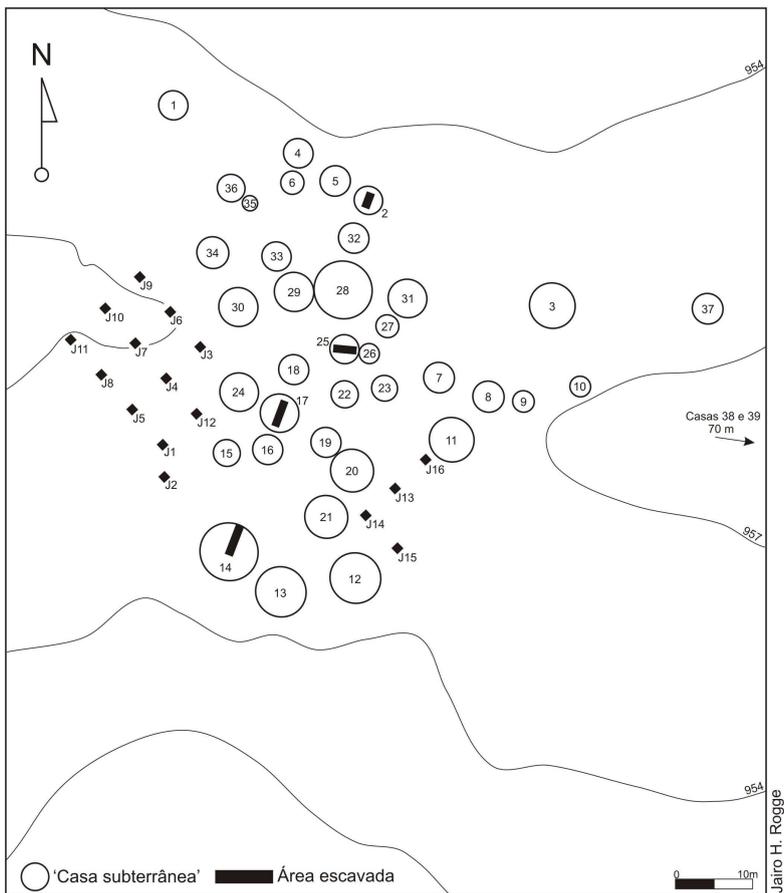


Figura 3: As 'casas subterrâneas' da margem direita e as intervenções.

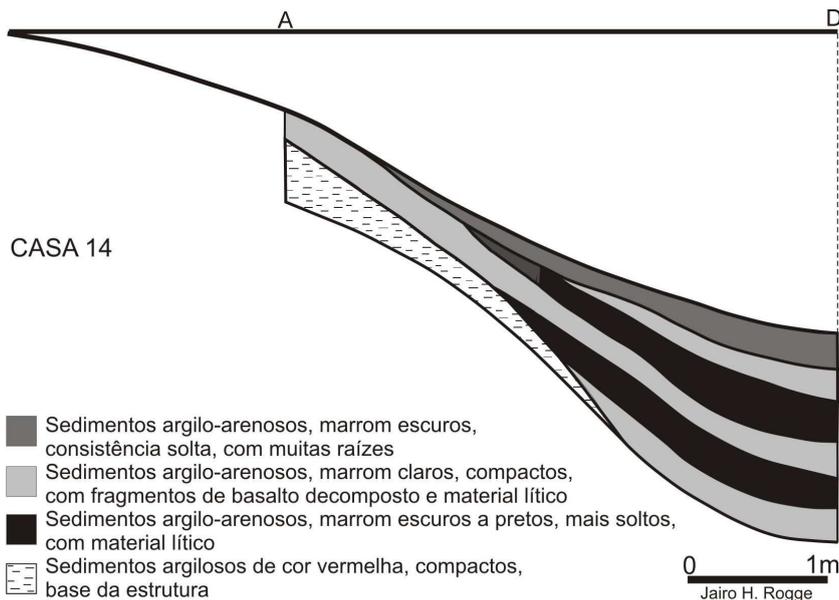
As casas do conjunto da margem direita estão densamente agrupadas, em pequeno espaço, num dorso alongado de terra coberto de mato, que limita, em ambas as bordas, com declives cobertos de ervas altas. No lado leste o declive termina em banhado intermitente, origem de pequeno córrego encaixado, que flui para o Arroio dos Ribeiros. No sul e oeste o assentamento beira o fluxo principal de água que se encontra com o Arroio dos Ribeiros a montante do anterior. O fluxo de água do lado oeste seria ativo todo o ano. O lençol freático que o alimenta está tão baixo que não interfere nas depressões formadas pelas casas.

Em janeiro de 2011 foram realizadas intervenções em 4 depressões, de tamanhos diferentes, distribuídas em linha, de uma borda da mata à outra, por cima do cordão de terra.

A depressão de número 14 (foto 5), com 8 m de diâmetro e 3,5 m de profundidade após a escavação, está situada na borda da mata, a sudoeste e tem a borda nivelada, no lado do declive, por regular aterro. Nela foi realizado um corte de 1 x 4 m, até 0,9 m de profundidade, do centro em direção a uma borda, que não foi atingida. O perfil (figura 4) apresenta uma sucessão de camadas, sugerindo 4 ocupações, todas com pouco material (figura 14 no fim do texto).

No corte foram recuperados 11 núcleos, 10 lascas, 1 lasca de arenito silicificado, cristais de quartzo. Quando não se informa outra matéria prima, os núcleos e lascas sempre são de basalto (tabela no fim do texto).

A data da primeira ocupação é de  $1.320 \pm 40$  anos A.P., calibrada com dois sigmas em 1.300 a 1.180 A.P., ou AD 650-770 (Beta-293588). O carvão das outras camadas era pouco ou não confiável para uma datação segura.

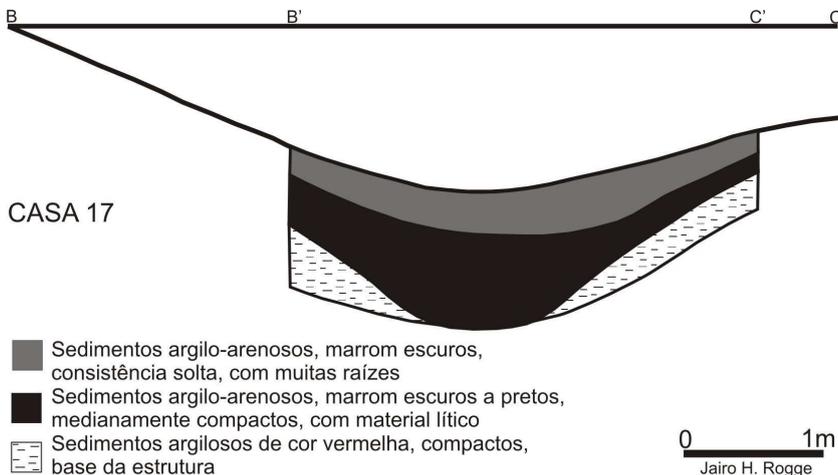


**Figura 4.** Perfil do corte realizado na casa 14

A depressão de número 17, com 5 m de diâmetro e 3 m de profundidade após a escavação, está situada a pequena distância desta, para o interior do mato e se sobrepõe parcialmente à de número 16. A borda era naturalmente desnivelada e se tornou ainda mais por causa da sobreposição com a depressão vizinha. Nela foi realizado um corte de 1 x 3,5 m, a partir do centro em direção à borda mais alta de um lado e para dentro da depressão 16 no outro lado, atingindo 0,9 m de profundidade. No centro da depressão, na base do corte, aparece um lugar de fogo organizado com numerosos seixos (ver figuras em anexo). No perfil (figura 5) se percebem duas camadas, correspondentes, no mínimo, a duas ocupações. Junto ao piso da casa havia um aglomerado de seixos como base de fogueiras (foto 6). A distribuição do material por níveis está na figura 18.

No corte foram recuperados 8 núcleos de basalto, 1 núcleo de calcedônia, 15 lascas, 1 talhador, 1 fragmento de lâmina de machado no nível 8, quartzo (tabela no fim do texto).

A camada mais profunda foi datada de  $1.320 \pm 40$  anos A.P., calibrada com dois sigmas em 1.300 a 1.180 A.P., ou AD 650-770 (Beta-293589); a mais superficial em  $470 \pm 50$  anos A.P., calibrada com dois sigmas em 550 a 470 anos A.P. ou AD 1.400-1.480 (Beta-297432). Nesta última não se pode excluir contaminação com carvão recente.

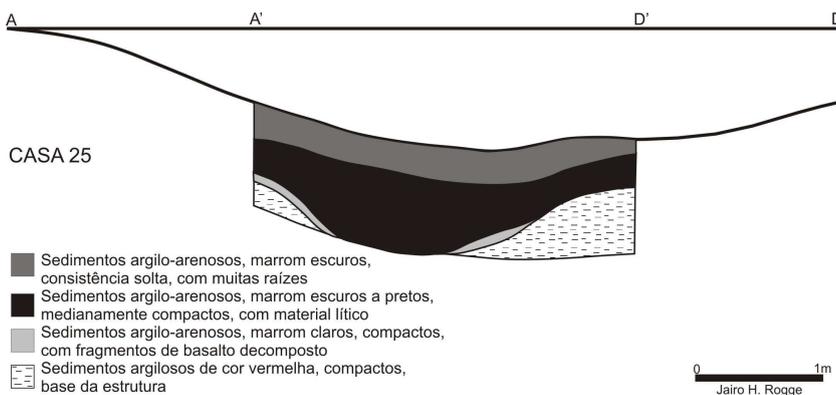


**Figura 5.** Perfil do corte realizado na casa 17.

A depressão de número 25, com 5 m de diâmetro e 2,5 m de profundidade após a escavação, está na parte mais alta do terreno, no centro da mata. A borda, que já era naturalmente desnivelada, ainda se tornou mais por causa da sobreposição parcial com a depressão 26. Nela foi realizado um corte de 1 x 3 m, a partir do centro em direção a uma borda e para dentro da casa sobreposta, até uma profundidade de 0,8 m. No perfil (figura 6) se percebem duas camadas, sugerindo mais de uma ocupação de alguma densidade (figura 19 e foto 7).

Foram recuperados 6 núcleos, 14 lascas, 1 talhador, 1 fragmento de lâmina de machado no nível 2 e 1 no nível 6, 1 fragmento de mão-de-pilão no nível 7, quartzo (tabela no fim do texto).

A camada inferior foi datada em  $1.190 \pm 40$  anos A.P., calibrada com dois sigmas em 1.240 a 1.200 A.P. (AD 710-750); 1.190 a 1.050 A.P. (AD 760-900); 1.040 a 990 A.P. (AD 920-960) (Beta-293590). A calibração insinua mistura de carvão de mais de uma ocupação.

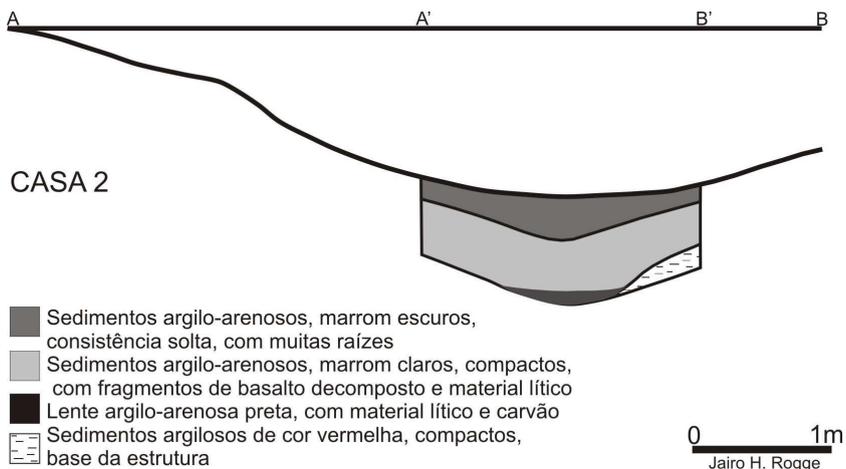


**Figura 6.** Perfil do corte realizado na casa 25

A depressão de número 2, com 4 m de diâmetro e 2,5 m de profundidade após a escavação, está junto à outra margem da mata. A borda da depressão estava naturalmente desnivelada por causa de regular inclinação do terreno em que foi implantada. Nela foi realizado um corte de 1 x 2 m, no centro da depressão, até a profundidade de 0,8 m. No perfil (figura 7) se percebem duas camadas, sugerindo mais de uma ocupação, pouco densas (figura 20 e foto 8).

Foram recuperados: 1 núcleo, 7 lascas, quartzo (tabela no fim do texto).

A camada inferior foi datada em  $1.080 \pm 30$  A.P., calibrada com dois sigmas em 1.060 a 1.020 A.P., ou AD 890-1.020 (Beta-297429).



**Figura 7.** Perfil do corte realizado na casa 2

As camadas de ocupação, escuras e relativamente soltas, se distinguem bastante bem do piso e das paredes das depressões, que são de argila marrom avermelhada mais compacta; e se distinguem de preenchimentos posteriores às sucessivas ocupações indígenas, vindas da lavação das paredes e de outras intervenções, que são mais claras e de consistência mais granulosa.

Os cortes mostraram que as depressões têm a forma aproximada de um chapéu de abas caídas, com uma escavação em aproximadamente  $45^\circ$  (a aba), seguida de um aprofundamento com ângulo de  $80$  a  $90^\circ$  (a copa). Nesta se concentram os restos da ocupação humana, compostos por sedimentos escuros, pedras fraturadas por ação do calor das fogueiras, poucos artefatos e abundantes grânulos de carvão, mas nenhuma cerâmica. Na parte da aba só aparece material depois que as camadas de sedimentos escuros preencheram e nivelaram a copa.

Como as depressões são relativamente pequenas deram origem a reduzido volume de terra, que está colocado ao redor da borda, criando algum nivelamento na parte mais baixa; nas depressões maiores ele costuma ser mais largo e mais regular.

Para entender o sentido e a função das depressões era necessário conhecer o entorno delas. Para isso foram abertos 12 cortes de  $1 \times 1$  m no lado norte do aglomerado e 4 no lado sul (ver figura 3). Com exceção do corte 2, eles estão distribuídos em tabuleiro, em distâncias aproximadas de 5 m, começando na proximidade das depressões. Os mais próximos, em ambos os lados, apresentam uma camada escura de ao menos 30 cm de espessura, com bastante carvão, pedras estouradas pelo calor e alguns artefatos, depositada sobre a base argilosa marrom avermelhada do solo original. Na medida em que nos afastamos das depressões esta camada se torna menos espessa nos cortes, não ultrapassando, finalmente, os 20 cm e contendo menor quantidade

de material. Os artefatos recuperados nos cortes nunca são muitos (ver tabela em anexo).

No corte 3 (figura 21 e foto 9) há uma bonita plataforma de fogo, datada em  $1.250 \pm 40$  anos A.P., calibrada com dois sigmas em 1.280 a 1.070 anos A.P. ou AD 670-880 (Beta-297430).

No corte 8 (figura 21) um lugar de trabalho, com cerâmica, está datado em  $1.110 \pm 40$  anos A.P., calibrada com dois sigmas em 1.080 a 940 A.P., ou AD 870-1.010 (Beta-293591).

No corte 10 (figura 21 e foto 10), há também um lugar de trabalho, com cerâmica, mas sem datação.

No corte 14 (figura 21) uma estrutura de fogo está datada em  $1.400 \pm 40$  anos A.P., calibrada com dois sigmas em 1.360 a 1.280 A.P., ou AD 590-670 (Beta-297431).

As intervenções realizadas mostram que, além da ocupação das depressões, cujo espaço útil é bastante pequeno, mas abrigado e aconchegante, houve atividades paralelas no entorno próximo, onde as mesmas estruturas de fogo se repetem. Em nenhum corte ou depressão se visualiza lugar de produção intensiva, ou retomada, de artefatos líticos lascados, os quais, por sua simplicidade, eram criados na medida em que se tornavam necessários, como atestam os núcleos e seus produtos. Os artefatos polidos já eram trazidos prontos e no sítio podiam ser afiados ou modificados.

#### **4. A ocupação da margem direita**

As datas são radiométricas, com exceção da casa 2, que foi AMS. Excetuada a última, correspondem aos níveis mais profundos das estruturas ou cortes indicados. A última, da casa 17, corresponde a uma camada superior. Elas foram calibradas pelo laboratório, com dois sigmas e apresentam esta seqüência:

Janela 14: AD 590-670 (Beta-297431),

Casa 14: AD 650-770 (Beta-293588),

Casa 17: AD 650-770 (Beta-293589),

Janela 3: AD 670-880 (Beta-297430),

Casa 25: AD 710-750, 760-900, 920-960 (Beta-293590),

Janela 8: AD 870-1010 (Beta-293591),

Casa 2: AD 890-1020 (Beta-297429).

Casa 17, nova ocupação: AD 1400-1480 (Beta-297432), possivelmente contaminada.

A seqüência indica que a ocupação começou na borda da mata, a sudoeste, na transição do declive para o terreno plano. Ali se percebe um conjunto de casas grandes e médias (12, 13, 14, 17, 20 e 21) em cujo contexto se encontram as datas mais antigas da série, na janela 14 e nas casas 14 e 17. Este é o ponto em que água permanente estaria mais próxima e acessível porque ali o fluxo espriava, formando pequeno banhado ou talvez um lago raso. Um aterro mais alto e largo cerca as depressões por causa da maior declividade do terreno.

As casas se tornam menores na medida em que entramos no terreno plano do mato e as datas proporcionalmente mais recentes quando nos afastamos do núcleo original em direção à janela 3 e à casa 25, mais ainda em direção à janela 8 e à casa 2. Esta se encontra na outra borda do mato em companhia de várias outras casas pequenas, que teriam acesso mais fácil à nascente do lado norte, menor e menos constante.

A última data, de um nível superior da casa 17, pode indicar uma volta isolada ao sítio, muito tempo depois das primeiras ocupações, já dentro de um novo contexto ambiental no planalto, mas também pode ser resultado de contaminação da amostra datada, por carvão mais recente. Não é data boa para definir qualquer coisa.

Dentro da ocupação do sítio a cerâmica aparece relativamente tarde, como pode ser visto na data da janela 8. Todas as demais datas são de camadas sem cerâmica.

As camadas de ocupação, os materiais e as datas nos ajudam a entender como as casas foram ocupadas.

Na depressão 14 podemos observar quatro camadas escuras, separadas por camadas mais claras, indicando outros tantos momentos de ocupação, separados por períodos de abandono. O material é pouco nas camadas de ocupação. Na ocupação mais recente aparece pequena lasca de arenito silicificado, que só tem companhia na janela 10, que, por sua posição no terreno, também é considerada recente.

Na depressão 17 é difícil distinguir as camadas, pela cor, que é sempre escura; mas as datas, se a mais recente é considerada válida, indicariam que houve, ao menos, duas ocupações, separadas por 7 séculos. Os materiais são bastante abundantes.

Na depressão 25 também é difícil distinguir as camadas pela cor, mas o material, que é abundante, indica mais de uma ocupação. Junto à base, datada do século VIII, existem dois fragmentos de lâmina de machado e na camada mais recente existe outro fragmento de lâmina diferente, que sugere nova ocupação. As curvas de tempo indicadas no gráfico da medição radiativa, que resultaram nas diversas datas provenientes da amostra analisada, também podem sugerir sucessivas ocupações.

Na depressão 2 o material é pouco abundante, mas a estratigrafia sugere mais de uma ocupação.

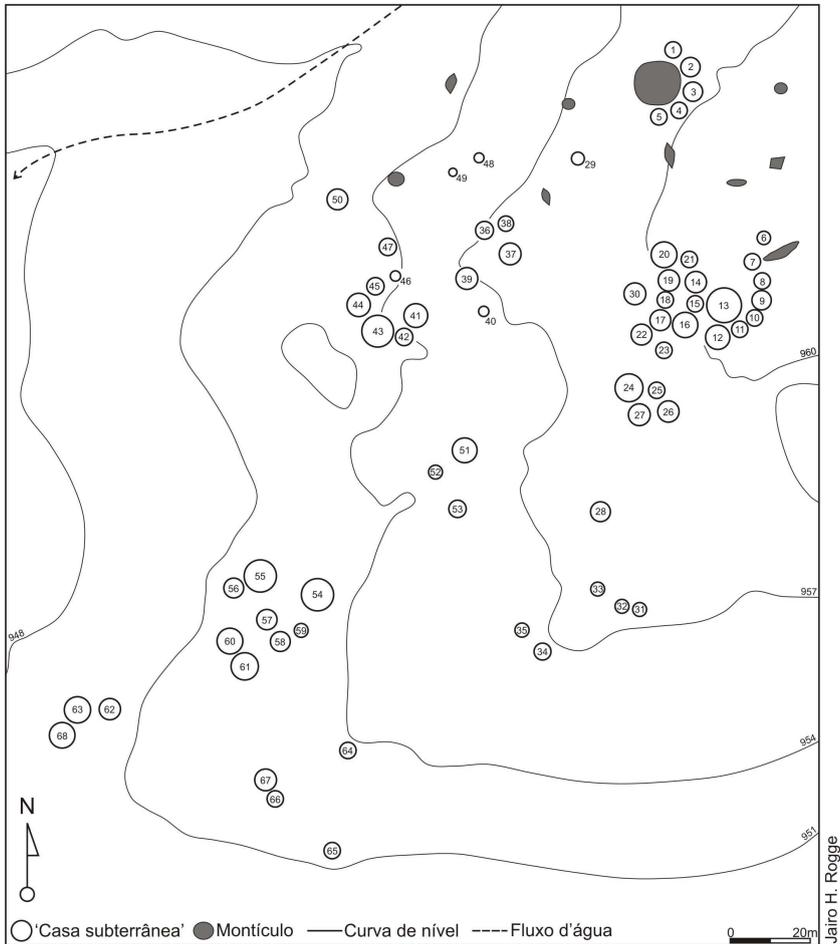
As observações acima indicam que tenha havido mais de uma ocupação em cada uma das quatro casas escavadas e elas não necessariamente eram coetâneas, como se pode inferir das datações.

## **5. As casas da margem esquerda**

Coordenadas geográficas: 27°31'44"S – 50°37'38"W.

As casas da margem esquerda estão sobre estreito cordão de terra, que é a continuação do que abriga as casas da margem direita, com o qual forma um segmento de círculo ao longo do encurvado fluxo de água. Nesta margem o cordão é um pouco mais baixo e vai declinando. Com isso, o lençol freático fica mais próximo da superfície (ver figura 2).

As casas formam agrupamentos com maior ou menor número de unidades, variados tamanhos e profundidades. Dentro do mato, no alto do declive voltado para o fluxo de água, vê-se um agrupamento de cinco depressões (números 1 a 5), um de vinte e cinco (números 6 a 30), outro de doze (números 54 a 63, 67 e 68). No mato há também depressões mais dispersas: no pequeno topo plano, no declive que dá para a água e no alto declive do outro lado, onde o terreno cai mais rapidamente: são os números 31 a 35, 51 a 53 e 64 a 66. Um conjunto de depressões (números 37 a 50) sai do recinto do mato e avança pelo capinzal por cima de um desdobraimento de terra elevada; na ponta mais avançada, os altos aterros das depressões 41 a 45 favoreceram o desenvolvimento de um pioneiro bosque de Guamirim ao redor de duas grandes árvores de Bugre (Figura 8).



**Figura 8.** O Conjunto das casas da margem esquerda do fluxo de água.

No estabelecimento das casas da margem esquerda, que é um pouco mais baixa que a margem direita, era importante a escolha do lugar para evitar a invasão da depressão pela água subterrânea. Mas também era importante que o fluxo de água estivesse tão perto quanto possível para evitar longas caminhadas para se abastecer dela. Por isso elas ocupam espaços elevados dentro do mato, excepcionalmente no capinzal, em que o lençol freático é suficientemente profundo. Este é um elemento fundamental para entender a disposição das estruturas na superfície do terreno.

Em algumas depressões do mato, mais próximas de sua borda, onde o lençol freático se torna mais superficial por causa da inclinação do terreno (observar as curvas de nível da figura 2) existem estruturas grandes e fundas, permanentemente inundadas (números 54 e 55); ao realizar um corte na depressão 4, aos 60 cm de profundidade, a água subterrânea apareceu, levando à interrupção da escavação.

Os aterros produzidos na borda das depressões são altos onde o terreno é mais inclinado e as depressões precisam ser maiores e mais fundas. Eles são mal definidos junto a depressões pequenas e onde o terreno é aplanado. As estruturas estão aglomeradas, interferindo umas nas outras, muitas vezes tornando indefinidos seus limites individuais. Algumas vezes a justaposição, ou sobreposição de depressões em sequência linear, forma verdadeiros canais. Isto acontece p.ex. na sequência dos números 8 a 12. Mais típica é a sequência dos números 2 a 5, que forma um canal curvo ao redor do aterro circular que reúne as terras escavadas, dando ao conjunto a forma de uma flor ou de um olho aberto. Existindo muito espaço livre, com iguais condições de habitabilidade, a agrupação não pode ser considerada gratuita.

A movimentação de terra favoreceu o desenvolvimento das árvores na borda das depressões e nos correspondentes aterros, onde se encontram hoje os maiores troncos do mato e o pequeno bosque pioneiro de Guamirim.

O interior das depressões não sofreu impactos maiores com a retirada dos troncos de pinheiros e abertura de caminhos para sua remoção; nem com a presença do gado, que abriu trilhas entre os conjuntos e se alimenta das ervas que crescem à sombra das árvores. Mas é preciso ter cuidado com o carvão dos níveis superiores das depressões porque era nelas que se queimavam os galhos dos pinheiros sem utilidade para o comércio, como indicam as primeiras datas produzidas no sítio.

Com o sentido de confirmar os resultados da escavação de 2011 e testar a hipótese construída com esses dados (Schmitz & Rogge, 2011) foram realizadas intervenções neste lado, usando as mesmas opções e os mesmos procedimentos. Para isso foram escolhidas 6 depressões de dois conjuntos e foram escavados 5 cortes de 1 x 1 m, em intervalos de 5 m, no terreno plano entre os dois conjuntos. Não se fez nenhuma intervenção nos dez montículos próximos desses conjuntos, registrados por Maria José Reis.

Para amostragem foi escolhido o aglomerado de 25 depressões de variados tamanhos e profundidades no terreno mais alto e plano no interior do mato; alguns montículos de seu entorno podem ter tido sua origem na terra que sobrou após o nivelamento da borda de depressões maiores.



**Figura 9.** As intervenções nas casas da margem esquerda.

Deste conjunto foram escolhidas as depressões de número 14, que se destaca por um tamanho maior; de números 24, 25, 26 e 27 de tamanhos menores e diferentes entre si, que estão juntas numa espécie de apêndice ao

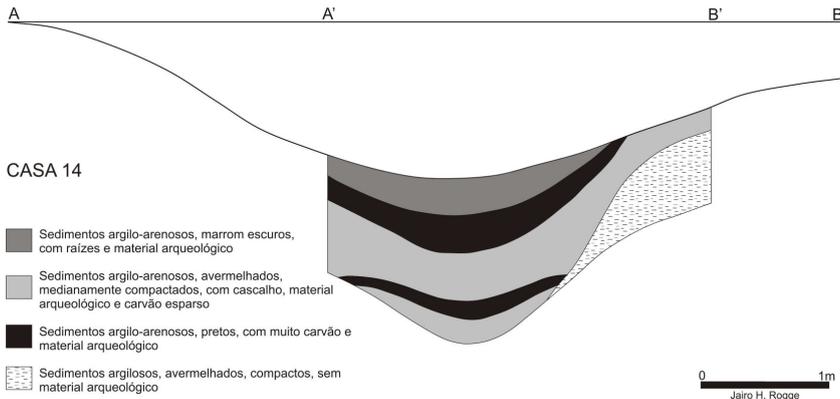
conjunto (foto 4). E foi escolhida a depressão de número 4 do conjunto de 5 unidades semelhantes, que lembra uma flor ou olho, que está mais próxima do fluxo de água e rapidamente alcançou o lençol freático, obrigando o abandono da escavação (figura 9).

Com isso completamos a intervenção em 10% das estruturas do sítio instalado ao redor do fluxo de água, com a amostragem de casas maiores, médias e pequenas, em associações diferentes; mais um regular espaço do entorno.

A depressão 14 media 5 m de diâmetro e 2,6 m de profundidade após a intervenção. Nela foi escavado um corte de 1 x 3 m, até a profundidade de 1,4 m, atingindo o centro e parte da parede ascendente. No perfil se percebem duas camadas escuras, indicadoras de duas ocupações. Na figura 22 pode-se ver a distribuição do material pelos níveis.

Artefatos recuperados no corte: 5 núcleos de basalto e 1 de calcedônia, 11 lascas de basalto e 1 de calcedônia, quartzo. Sem cerâmica (tabela no fim do texto).

A primeira camada, junto da base do corte, onde se registra maior concentração de seixos como armação de fogueiras, foi datada de  $1.350 \pm 30$  anos A.P., calibrada com dois sigmas de 1.300 a 1.260 anos A.P. (AD 650 a 690) (Beta-316465); a segunda, mais superficial, com menos materiais e mais carvão, foi datada de  $370 \pm 30$  anos A.P., calibrada com dois sigmas de 500 a 420 anos A.P. (AD 1.450 a 1.530), 410 a 400 anos A.P. (AD 1.540 a 1.550) e 400 a 320 anos A.P. (AD 1.550 a 1.630) (Beta-316464). Ela pode ter recebido alguma contaminação por queima de galhos por ocasião da retirada de troncos de pinheiros.

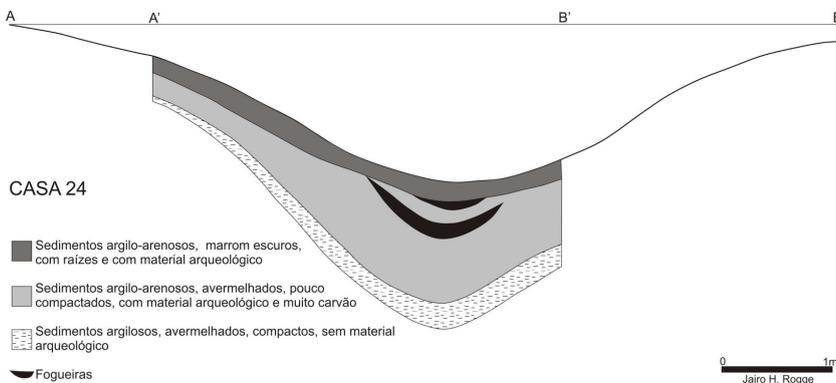


**Figura 10.** Perfil do corte da casa 14

A depressão 24 media 7 m de diâmetro e 2,8 m de profundidade após a escavação. Nela foi realizado um corte de 1 x 4 m, até 1,3 m de profundidade, atingindo o centro e parte da parede ascendente da depressão. Só nos níveis mais profundos (9, 10 e 11) existe um pequeno aglomerado de seixos e pequenos blocos (figura 23).

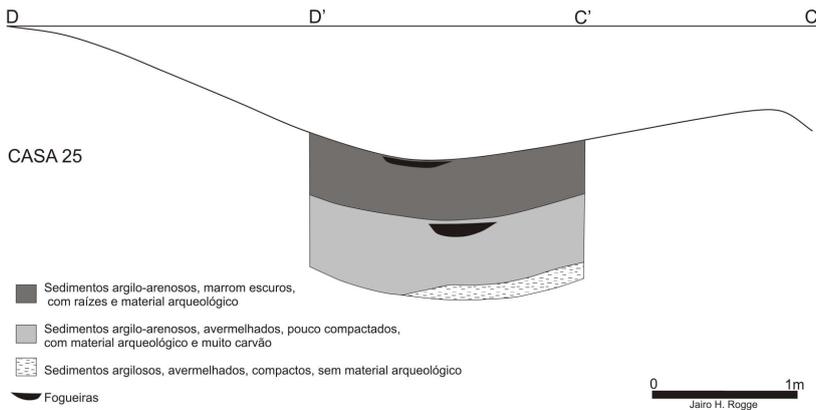
Artefatos recuperados no corte: 7 núcleos de basalto, 5 lascas de basalto, 2 fragmentos que poderiam ser de mão de pilão, mas não oferecem certeza. Sem cerâmica (tabela no fim do texto).

A data convencional da camada escura superior do perfil, indicada pelo laboratório como  $240 \pm 30$  anos A.P. (Beta-316466), mostra claramente a mistura de carvão recente, da queima de ramos por ocasião da retirada dos troncos e serve de alerta para todas as datas de camadas mais superficiais do sítio. Não deve ser usada. As medições do laboratório mostram três picos independentes, o primeiro de 310 a 280 anos A.P., o segundo de 170 a 150 anos A.P., o terceiro de 10 A.P. a posterior a 1950. Os níveis inferiores não foram datados porque continham pouco carvão.



**Figura 11.** Perfil do corte da casa 24

A depressão 25 media 3,5 m de diâmetro e 2 m de profundidade após a escavação. Antes da intervenção era rasa e duvidosa. Nela foi realizado um corte de 1 x 2 m, até 0,9 m de profundidade, que expôs o centro da depressão. No perfil se percebem dois pacotes de sedimentos: o sedimento do pacote superior é mais granuloso, heterogêneo, marrom escuro, com menos indicadores de ocupação; nele foram recuperados 3 núcleos pequenos, 1 médio; 2 lascas pequenas e 1 grande. O sedimento do pacote inferior é mais fino, homogêneo, amarelado, no qual existem seixos agrupados como suporte de fogueiras; nele foram recuperados 2 núcleos médios e 6 grandes, mais 1 lasca grande. A diferença na composição dos sedimentos sugere formação sob a vigência de climas diferentes. Sem cerâmica. Não foi datada. (figura 24 e tabela no fim do texto).



**Figura 12.** Perfil do corte da casa 25

A depressão 26 media 5 m de diâmetro e 2 m de profundidade após a escavação. Como a anterior, antes da escavação era bem rasa. Nela foi realizado um corte de 1 x 4 m, até 1,2 m de profundidade, que expôs o centro e parte da parede ascendente. Nos perfis percebem-se cinco ocupações com bastante material.

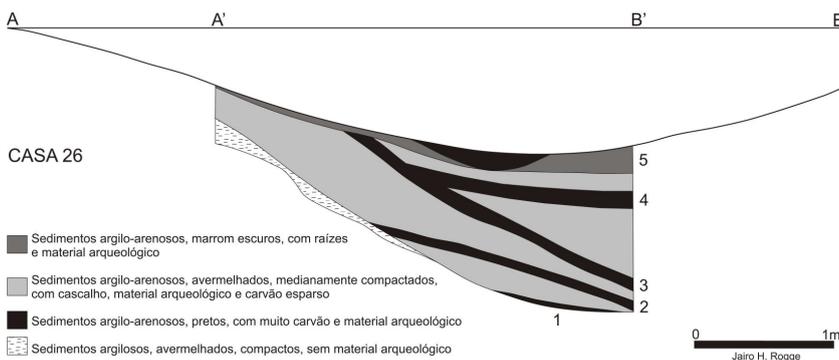
Nos níveis superficiais, em clara discordância com os outros níveis, existe pequena ocupação com carvão e 8 fragmentos de cerâmica simples, aparentemente de dois pequenos potes. As demais camadas não têm cerâmica (figura 25).

Artefatos recuperados nos níveis artificiais do corte: no nível um: 1 núcleo médio e cristais; no nível dois: 1 núcleo muito grande; no nível três: 2 lascas pequenas; no nível quatro: 1 talhador grande, 3 lascas pequenas, sendo 1 de calcadônia; no nível cinco: o material trabalhado foi o mais variado: 1 núcleo grande, 1 lasca pequena, 1 média, 1 longa retocada, 1 lasca média de arenito silicificado, 1 cristal lascado; no nível oito: 2 lascas médias (tabela no fim do texto).

No nível 4 e no nível 7 aparecem corpos de pinhões carbonizados. No carvão dos níveis mais profundos se reconhecem muitos pequenos fragmentos carbonizados de hastes de gramíneas, ao lado de grânulos de madeira mais consistente.

Nesta depressão foram datadas três das cinco ocupações marcadas no perfil. Para a primeira ocupação não havia suficiente carvão. A segunda ocupação a partir da base está datada em  $1.290 \pm 30$  anos A.P., calibrada com dois sigmas 1.290 a 1.170 A.P. (AD 660 a 780) (Beta-319371). A terceira ocupação a partir da base está datada em  $1.310 \pm 30$  anos A.P., calibrada com dois sigmas 1.290 a 1.220 (AD 660 a 730) e 1.210 a 1.180 anos A.P. (AD 740 a 770) (Beta-319372). A quarta ocupação tem duas datas:  $1.270 \pm 30$  anos A.P., calibrada com dois sigmas 1.280 a 1.170 (AD 670 a 780) e 1.160 a 1.150 (AD 790 a 800) (Beta-319374), e  $1.260 \pm 30$  anos A.P., calibrada com dois sigmas 1.280 a 1.170 anos A.P. (AD 670 a 780), 1.160 a 1.140 anos A.P. (AD 790-810) e 1.100 a 1.100 anos A.P. (AD 850 a 850) (Beta-329373). Esta última

curva da contagem provavelmente pegou algum carvão da quinta ocupação, na qual aparece a cerâmica; ela é parecida com a data do corte 8, da margem direita, onde aparece a mesma cerâmica. Para a quinta ocupação, com cerâmica, o carvão não oferecia segurança para uma data válida. As quatro datas, de valores quase coincidentes, mostram que a depressão foi ocupada várias vezes com intervalos muito curtos, mas claramente marcados nos sedimentos.

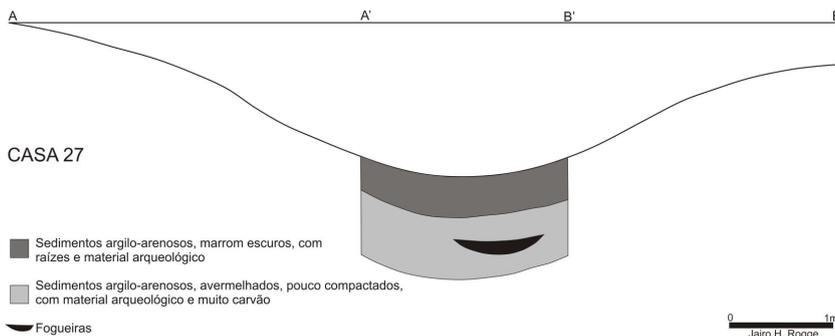


**Figura 13.** Perfil do corte da casa 26

A depressão 27 media 5 m de diâmetro e mais de 2,5 m de profundidade após a intervenção. No centro dela foi realizado um corte de 1 x 2 m, até 0,9 m de profundidade, em cujo perfil se visualizam dois pacotes de sedimentos: o da parte superior mais granuloso, heterogêneo, marrom escuro, o da parte inferior mais fino, homogêneo, amarelado, sugerindo deposição sob influência de climas diferentes. No pacote superior a ocupação parece menor em termos de materiais. De 50 a 90 cm de profundidade há lugares de fogueira com seixos agrupados e muito carvão; neste carvão há muitas cascas de pinhão, a semente da *Araucaria angustifolia* (figura 26).

A partir do nível 3 aparecem artefatos: 6 núcleos (2 médios, 2 grandes e 2 muito grandes), 9 lascas (2 pequenas, 4 médias e 3 grandes), no nível 5, uma mão-de-pilão (tabela no fim do texto).

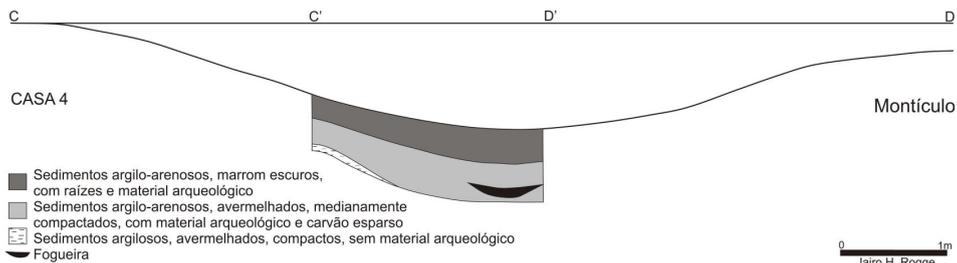
O nível 6 foi datado em  $1.330 \pm 30$  anos A.P., calibrado com dois sigmas 1.300 a 1.240 (AD 650 a 710) e 1.200 a 1.180 anos A.P. (AD 750 a 770) (Beta-319370). O nível 10 foi datado em  $1.360 \pm 30$  anos A.P., calibrado com dois sigmas 1.310 a 1.270 anos A.P. (AD 640 a 680) (Beta-319363). Ambas as datas correspondem ao pacote inferior de sedimentos e atestam ocupações com pequeno intervalo.



**Figura 14.** Perfil do corte da casa 27

A depressão 4 media 4,5 m de diâmetro e 0,8 m de profundidade antes da escavação. Do centro para a borda foi aberto um corte de 1 x 2 m. A escavação chegou a 0,6 m de profundidade quando teve de ser interrompida por causa da invasão da água do lençol freático.

Nos dois primeiros níveis apareceram: 1 núcleo grande, 2 núcleos médios de basalto, 1 pequeno núcleo de calcedônia, 1 lasca grande de basalto e 1 núcleo de quartzo, além de 1 fragmento de cerâmica simples (figura 27 e tabela no fim do texto). O carvão, em grandes grãos, da proximidade de uma superfície de terra queimada vermelha, provavelmente é do acampamento ceramista, mas também pode ter sua origem na queima de galhos por ocasião da retirada dos troncos de pinheiros; não foi usado para datação. Depois de uma camada sem material, começou a aparecer, no centro, uma camada escura, com 1 núcleo pequeno, 2 lascas pequenas, nenhuma cerâmica, que foi datada em  $830 \pm 30$  anos A.P., calibrada com dois sigmas em 790 a 690 anos A.P. (AD 1.160 a 1.260) (Beta-316467); data considerada válida.



**Figura 15.** Perfil do corte da casa 4

No espaço plano entre a o conjunto das casas 14, 25, 26, 27 e 28 e o conjunto onde está a casa 4, foram feitos 5 cortes, alinhados em distâncias de 5 m (ver figura 9).

O primeiro corte de 1 x 1 m, a partir da depressão 14, foi aprofundado até 0,4 m. Nos dois níveis superiores há muitos seixos e fragmentos, além de um núcleo grande, um talhador grande e 14 lascas pequenas e cristais de quartzo.

O segundo corte de 1 x 1 m, aprofundado até 0,3 m, ainda apresenta seixos e fragmentos, além de um núcleo muito grande, de uma lasca grande e muitos cristais de quartzo.

O terceiro corte de 1 x 1 m, aprofundado até 0,5 m, é de solo perturbado com muitos pequenos seixos, fragmentos e cristais de quartzo, além de duas lascas médias e duas pequenas. A perturbação pode ser antiga, mas também pode ser recente, e se desconhece a sua causa.

O quarto corte de 1 x 1 m, aprofundado até 0,2 m, apresenta o mesmo tipo de material dos anteriores, porém em quantidade bem menor: 1 pequeno fragmento de lascamento, 1 pequena lasca e cristais.

O quinto corte de 1 x 1 m, está praticamente sem material.

Para a presença e distribuição do material nos cortes, ver figuras em anexo.

## **6. A ocupação da margem esquerda**

Todas as depressões tiveram mais de uma ocupação, geralmente de curta duração, com exceção das casas 25 e 27, nas quais ela parece ter sido um pouco maior. A casa 27 teve duas ocupações, a casa 26 cinco ocupações, com pequenos intervalos entre elas. A casa 24, a 25 e os cortes não têm nenhuma data válida.

Sete datas, incluindo novas ocupações, correspondem ao século VII e ao século VIII, período em que o local é repetidamente ocupado. A casa 4 tem uma data aceitável do século XII; ela não foi escavada até a base por causa da invasão por água subterrânea. A casa 14 tem uma data do século XV para uma segunda ocupação, que pode ter sofrido contaminação.

Apesar de a distância temporal entre as ocupações da mesma depressão ser pequena, a separação entre as camadas é bem marcada por causa da lavagem para dentro da terra acumulada na borda.

As datas são radiométricas, com exceção de Beta-319369, 319372 e 319373, que são AMS.

Casa 27: AD 640 a 680 (Beta-319363), 1ª ocupação,

Casa 13: AD 650 a 690 (Beta-316465), 1ª ocupação.

Casa 27: AD 650 a 710 e AD 750 a 770 (Beta 319370), 2ª ocupação.

Casa 26: AD 660 a 780 (Beta 319374), 2ª ocupação.

Casa 26: AD 660 a 730 e AD 740 a 770 (Beta 319372), 3ª ocupação.

Casa 26: AD 670 a 780 e AD 790 a 800 (Beta 319371), 4ª ocupação.

Casa 26: AD 670 a 780, AD 790 a 810 e AD 850 a 850 (Beta-329373), 4ª ocupação. Cerâmica por cima dela.

Casa 4: AD 1.160 a 1.260 (Beta-316467). Cerâmica por cima dela.

Casa 14: AD 1.450 a 1.530, AD 1.540 a 1.550 e AD 1.550 a 1.630 (Beta-316464), 2ª ocupação.

## **7. Os materiais de ambas as margens**

O material recuperado no sítio se compõe, em sua maior parte, de seixos, pequenos blocos e fragmentos de basalto local, de crosta vermelha, que lastravam as fogueiras, ou estavam espalhados pelas superfícies de ocupação; podiam ter servido de percutores e suportes ocasionais, mas suas

marcas teriam sido muito mascaradas por quebras e desprendimentos causados pelo calor das fogueiras.

Os artefatos estão representados por alguns instrumentos muito bem polidos em basalto, conformando lâminas de machado e mãos-de-pilão; e por artefatos lascados em basalto, arenito silicificado, calcedônia e cristal de quartzo, conformando lascas, fragmentos e talhadores, além de um pequeno alisador em arenito (figuras 28 a 31).

Os artefatos polidos são feitos em basalto exógeno, de granulação mais fina e foram trazidos para o local pelo grupo, que já os possuía anteriormente.

No conjunto da margem direita do fluxo de água constam de um fragmento mesial de mão-de-pilão, encontrado junto à base do fogão da janela 3; de um fragmento mesial de lâmina de machado encontrado perto da base da casa 17; de um fragmento de lâmina de machado e de uma lasca com face polida (de mão-de-pilão?) encontrados perto da base da casa 25 e de um fragmento de lâmina de machado encontrado perto da superfície da mesma casa.

No conjunto da margem esquerda do fluxo de água consta de uma mão-de-pilão no nível 5 da depressão 27.

Os artefatos lascados se compõem de certo número de lascas e pequenos talhadores, produzidos a partir de seixos e pequenos blocos, predominantemente de basalto cinza, de córtex amarelo, com pouco trabalho anterior e posterior à debitação, e sem retoques. Algumas vezes também se usava o basalto de córtex vermelho do local. Esses produtos não apresentam nem forma, nem técnica padronizadas. Têm plano de percussão cortical ou liso, face externa muitas vezes cortical ou semi-cortical, e face interna, mesmo quando há bulbo ou largas ondas, muitas vezes rugosa e irregular, em consequência da composição do basalto, do tipo de golpe, ou de ação térmica. Algumas lascas, que chamamos talhadores, receberam pequenas ajeições, quer na face interna, quer na externa, de preferência nas duas. Além destas, existem muito raras lascas de acomodação de um núcleo. Em nossa classificação incluímos os poucos fragmentos de lascamento no conjunto de lascas.

Com isso, os classificados como núcleos de basalto também não chegam a ter forma padronizada. Esta pode aproximar-se de um prisma, cone, cubo, poliedro, ficar indefinida como seixo ou pequeno bloco com poucos estigmas de retiradas, muitas vezes com grandes resíduos de córtex e pouco aproveitamento da matéria. A origem pode ser um seixo ou bloco de 10 a 20 cm de comprimento. Se ele tiver uma face naturalmente aplanada, ao longo da borda podem ser tiradas, sem ordem nem disposição, algumas lascas, que serão corticais ou semi-corticais. Se é um seixo alongado, ele pode ser cortado ao meio e a partir da superfície do corte retirar lascas, que também serão corticais ou semi-corticais. Também se podem produzir lascas e fragmentos usando como pontos de impacto ativo e passivo as extremidades do seixo, ou as faces planas de um bloco.

Reunimos a seguir uma amostra de núcleos de basalto cinza:

Núcleo em forma de picão, com cicatrizes de lascamento a partir de uma extremidade, a outra parcialmente cortical. 16 x 12 x 9,5 cm. Casa 14, corte 1, nível 14.

Seixo cortado ao meio, com duas lascas tiradas da extremidade e uma transversa, de descorticamento. Uma face e um lado permaneceram corticais. 10 x 10 x 5 cm. Casa 23, corte 1, nível 9-11.

Seixo com uma face plana, a partir de cuja periferia foram tiradas algumas lascas de vários tamanhos e formas. 17 x 15 x 9,5 cm. Casa 24, corte 1, nível 4-5.

Núcleo cúbico, lascado nas faces e nos lados, remanescendo pequeno resto de córtex. 5 x 3,5 x 4,5 cm. Casa 25, corte 1, nível 5.

Núcleo cúbico, do qual se tirou uma lasca bipolar em cada lado, permanecendo as extremidades corticais. 6,5 x 4 x 3 cm. Casa 25, corte 1, nível 5.

Núcleo em forma de talhador com gume distal. 10 x 7 x 4 cm. Casa 25, corte 1, nível 5.

Núcleo irregular, com pequena superfície cortical. 7,5 x 7, 5 x 3 cm. Casa 26, corte 1, nível 8.

Núcleo sub-piramidal com 5 estigmas de lascas convergindo para a extremidade distal, também batida. 6 x 7 x 8 cm. Casa 26, corte 1, nível 8.

Núcleo com retiradas em 3 faces, sobrando pequena superfície cortical. 12 x 9 x 8 cm. Casa 26, corte 1, nível 2.

Núcleo cúbico mostrando 3 estigmas de lascas retiradas a partir de uma plataforma cortical. A extremidade oposta à plataforma também foi batida. Sobrou uma face cortical. 11 x 8 x 5 cm. Casa 27, corte 1, nível 7.

Bloco com grandes lascas tiradas das faces e dos lados, permanecendo córtex numa face e num lado. 18 x 17 x 10 cm. Casa 27, corte 1, nível 3.

Seixo cilíndrico do qual foram tiradas lascas de um extremo ao outro. 17 x 15 x 11 cm. Casa 27, corte 1, nível 10.

Entre os seixos usados na armação de fogueiras existem muitos com peso específico maior, que poderiam ter servido de percutores de ocasião. Mas as marcas térmicas são tantas que se torna impossível reconhecer neles sequências de golpes intencionais.

Os pouquíssimos materiais produzidos em calcedônia são pequenas lascas, fragmentos e núcleos não característicos.

Os cristais de quartzo recuperados, geralmente são pequenos, às vezes ainda presos nas drusas; pequeno número deles mostra retalhamento por ação bipolar, resultando em núcleos, lascas e fragmentos.

Os materiais produzidos em arenito silicificado vermelho, de granulação fina, se reduzem a quatro pequenas lascas ou fragmentos de lascamento. A origem deste arenito silicificado não é local.

Um pequeno fragmento de arenito Botucatu, que também não é local, tem uma face abaulada, indicando desgaste por abrasão linear.

Com exceção de seis elementos de artefatos polidos, de quatro fragmentos de arenito silicificado e de um fragmento de arenito Botucatu, os

materiais são de origem local e foram trabalhados no sítio, numa produção expedita, que se destinava a uso imediato e não precisava manutenção.

Toda a cerâmica do conjunto da margem direita se compõe de 16 pequenos fragmentos de dois ou três potes verticais com leve inflexão na borda, um deles com decoração em espinha de peixe em duas faixas paralelas no bojo abaixo da inflexão. A abertura da boca é de 7 cm, o lábio é arredondado, o antiplástico de areia muito fina; o núcleo é negro, a superfície interna e a externa marrom, a externa talvez com brunido. Todas as características são da sub-tradição Itararé. Oito fragmentos de um mesmo pote estavam juntos na janela 8, os outros oito fragmentos estavam juntos na janela 10, ambas as janelas bastante afastadas do conjunto das depressões.

Toda a cerâmica dos conjuntos da margem esquerda se compõe de 9 fragmentos correspondentes a 3 vasilhas da sub-tradição Itararé: Na casa 4, um fragmento de cerâmica simples, 4,2 x 2,9 x 0,4 cm, de bojo, com abertura de boca de 12 cm, bem oxidada, interna e externamente avermelhada, aparentemente feita com a sobreposição de placas de argila. Na casa 26, oito fragmentos simples de dois pequenos potes: o fragmento maior mede 6,2 x 6,0 cm; outros medem 3 x 3 cm, 2,0 x 2,5 cm, 1,6 x 2,2 cm e 4 aproximadamente 1 cm. A espessura de 6 fragmentos é de 0,4 cm, a de 2 fragmentos é de 0,3 cm. O diâmetro do bojo dos fragmentos com 0,4 cm de espessura é de 16 cm e a parede apresenta suave inflexão, típica da sub-tradição Itararé. A cerâmica é bem queimada, preta interna e externamente, com núcleo também preto, e crosta interna de resíduos.

## **8. A ocupação do sítio**

Trata-se de um sítio com muitas estruturas, predominantemente pequenas, aglomeradas em reduzido espaço, às vezes se sobrepondo, junto a pequenos banhados de altura, origem de um fluxo de água, hoje em meio a mata mista com Araucária.

Como testemunhos da ocupação aparecem camadas de sedimentos escuros, com bastante carvão granulado, seixos e pequenos blocos organizados como bases de fogueiras, alguns artefatos líticos e, no final, também pequenos potes cerâmicos abandonados no lugar.

Os seixos e blocos das fogueiras são de basalto vermelho local, muito estourado pelo calor do fogo e pouco útil para a fabricação de instrumentos, com exceção de percutores.

O carvão resulta de combustão de madeira de árvores e arbustos. Também aparecem muitos fragmentos de fibras longas de gramíneas, que poderiam ser da taquara da mata ou dos altos capins da beira do fluxo de água. Corpos e cascas de pinhão são frequentes desde o começo da ocupação. Os carvões informam que o ambiente era semelhante ao de hoje, mas provavelmente menos denso e desenvolvido, com vegetação campestre nas superfícies aplanadas, gramíneas altas nas áreas mais úmidas e o bosque com pinheiros subindo da encosta para os terrenos mais altos ao longo do fluxo de água. A movimentação da terra pelo Homem favorecia a expansão e adensamento da vegetação arbórea em prejuízo da herbácea.

Da mata viria o alimento e as gramíneas altas serviriam para cobrir as choupanas de pisos rebaixados. Não ficaram preservados os restos de caça, tanto dos mamíferos, dos répteis e das aves, que ordinariamente vivem neste ambiente e também usufruíam da presença humana. Ao tempo do pinhão maduro, estariam mais concentrados e gordos, como os homens que antes os teriam de procurar pelos campos, mais dispersos e magros.

Os artefatos líticos são de dois tipos: mãos-de-pilão e lâminas de machado, bem polidas, em basalto selecionado, que os grupos transportavam em seu peregrinar de um lugar para outro; lascas e pequenos talhadores produzidos com a melhor matéria prima local para uso imediato e descarte; seixos e pequenos blocos usados como percutores e bases de fogueiras estruturadas.

As depressões existentes são as bases de choupanas, de cobertura leve, que poderia ser de varas e gramíneas, para defender os acampados da chuva e do frio da estação. Durante nossas escavações de verão, quando amadurecem importantes frutas locais, registramos uma trovoadas todos os fins de tarde; no outono, quando madura a semente do pinheiro, o frio já se torna muito acentuado, com fortes geadas.

As estruturas do sítio estão distribuídas ao longo do fluxo de água formando conjuntos, separados uns dos outros por faixas desocupadas. No sítio do Rincão dos Albinos existem ao menos seis desses agrupamentos, alguns maiores, outros menores, cujas datas indicam ocupação coetânea. Estes conjuntos podem representar algo assim como espaços de famílias, clãs ou tribos, que acampam no mesmo terreno, mas separadas, voltando sempre ao mesmo lugar para reocupar uma depressão antiga, ou produzir uma nova. Nesses aglomerados as depressões podem sobrepor-se como se fosse por acaso, mas também formam verdadeiras cadeias enfileirando variado número delas, com as bordas se confundindo para configurar uma flor com pétalas abertas ou um colar, resultados que não parecem casuais.

Dentro do espaço, na proximidade de casas, existem dez montículos que têm aparência de sobras de terra. Em terreno um pouco mais elevado, num pequeno anfiteatro que cerca os banhados, origem do fluxo de água, foram vistos alguns montículos semelhantes, que poderiam ser funerários, porque estão longe das casas; não chegaram a ser estudados. No espaço, ou na proximidade, não existe nenhuma estrutura anelar, ou montículo funerário que poderiam ser associados ao assentamento.

A escavação mostrou que, além de próximas e às vezes sobrepostas, as casas individuais foram ocupadas mais de uma vez, por breves tempos, no decorrer dos séculos sétimo e oitavo de nossa era.

Nas dez casas escavadas contabilizamos ao menos 25 ocupações, o que dá uma média de 2,5 ocupações por casa. Se usarmos este fator (2,5) para o conjunto das 107 casas, teremos 267 ocupações para o sítio.

As multiplicadas ocupações, a pequena duração da maioria delas, a forma simples das estruturas e o pequeno espaço no qual elas se comprimem e renovam, indicam que não se trata de habitações duradouras, mas de estruturas de acampamentos. A distribuição do material no espaço indica que

não só as depressões eram ocupadas, mas que havia atividades semelhantes no entorno imediato das mesmas. A densidade desse material é proporcional ao número de estruturas rebaixadas próximas.

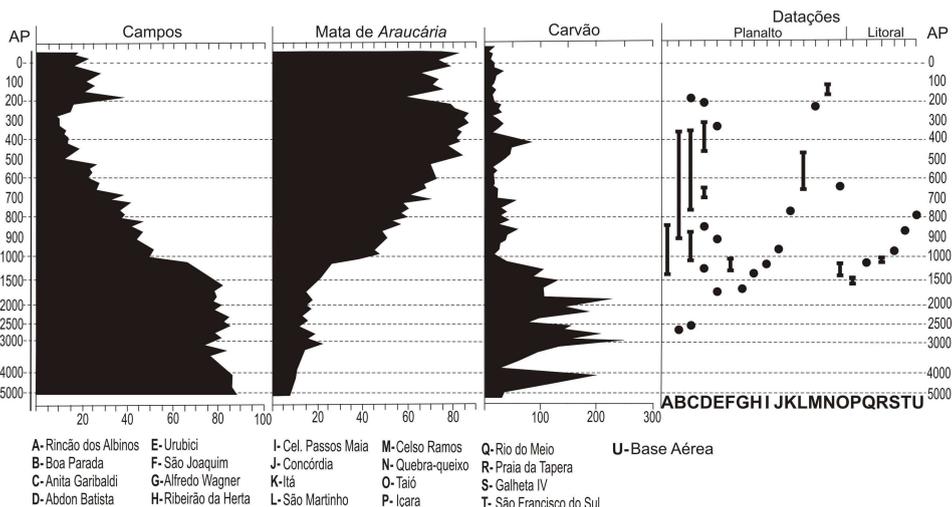
Até o século nono a cerâmica está ausente. Quando, depois destes séculos, ela aparece, sob a forma de pequenos potes, em rápidas fogueiras de acampamento, dentro e fora das estruturas, ela tem características da sub-tradição Itararé.

Das 10 casas estudadas, em duas aparece cerâmica em pequenas fogueiras junto à superfície, o que representa 20% da amostra; dos 21 cortes realizados no entorno das casas, em dois aparece cerâmica, o que representa 10%. Trata-se, em cada caso, de poucos fragmentos reunidos de um ou dois pequenos potes, quebrados no lugar em que foram encontrados. A única data precisa para esta cerâmica é do século nono para décimo de nossa era. Nas estruturas datadas ela está sempre por cima de camadas de datas mais antigas.

A forma como a cerâmica aparece, em pequenas fogueiras, sua qualidade e quantidade, continuam indicando acampamentos, não permanências. A presença da cerâmica na superfície de só 20% das estruturas e em poucos espaços do entorno, indica que, nesse tempo, o sítio deixou de ser frequentado com a intensidade com que o foi nos séculos anteriores, mas continua a se caracterizar como lugar de acampamento.

A razão de uma população acampar no mesmo lugar, com essa intensidade, durante muitas gerações, poderia ser algum festejo ou ritual coletivo; ou a exploração de um recurso escasso, especialmente crítico. Nossa interpretação vai para a segunda opção e se apóia na evolução do ambiente e na história do povoamento. O recurso crítico é a semente da Araucária, que vem acompanhada de frutas que se desenvolvem nessa mata e também atraem uma fauna variada.

A ocupação do sítio começa quando, segundo os biólogos, o pinheiro já existe, mas ainda é escasso no planalto, e termina quando, segundo os mesmos biólogos, o pinheiro tem uma rápida expansão pelo planalto, que é acompanhada pela dispersão do povoamento com casas subterrâneas e o aumento de sua complexidade (Iriarte & Behling, 2007).



**Figura 16.** Gráfico do crescimento do pinheiro x datações do Jê Meridional em Santa Catarina (Jairo H. Rogge, adaptado de Iriarte & Behling, 2007: 119, fig. 4).

Observando o gráfico de expansão do pinheiro (Iriarte & Behling, 2007 ou Bauermann & Behling, 2009) percebe-se que os séculos de ocupação do Rincão dos Albinos correspondem a um período em que a Araucária ainda é pouca e os campos ainda dominam as terras altas. No mesmo gráfico se nota que, a partir de uns 4000 anos atrás, junto com o pólen há muitos grânulos de carvão, indicando queima de vegetação, queima que se admite não ser natural, mas produzida pelo Homem. Sepulturas escavadas em diversos abrigos da região do planalto (Alfredo Wagner, Urubici, São Joaquim e Rincão da Herta, segundo DeMasi, 2001), com datas parecidas e anteriores às do Rincão dos Albinos, confirmam que esta população realmente existia nesses campos. Se havia uma população queimando os campos para atrair e concentrar a caça, ela se daria conta de que as sementes da Araucária poderiam oferecer importante complementação alimentar no período de seu amadurecimento e como reserva para meses pouco abastecidos, como o inverno e a primavera.

O pinhão poderia ser recolhido, sem deixar muitas marcas no solo, em pinheiros isolados, que, segundo os biólogos, estariam penetrando nos campos ao longo dos cursos de água. Mas, se nessa expansão pioneira, se estivesse formando um pinheiral maior na encosta mais chuvosa ele chamaria atenção da população caçadora que se movimentava pelos campos vizinhos.

O local em que está o sítio possui todas as condições para uma formação pioneira: ele se encontra a 950 de altitude, a partir donde o terreno se eleva para mais de 1000 m. Neste ponto o arroio dos Ribeiros, depois de um longo percurso retilíneo a partir de sua desembocadura no rio Canoas, produz um cotovelo acompanhando a barreira transversal do terreno em forma de estreita serra; os ventos carregados da umidade do vale do rio, que vêm encanados pelo estreito vale do arroio dos Ribeiros, são detidos por essa

barreira, produzindo uma quantidade maior e mais permanente de chuva, facilitando o desenvolvimento da Araucária.

O sítio, implantado num alto esporão sustentado por rampas íngremes, podia ser facilmente visto e identificado de longe, tanto mais quanto mais o bosque de pinheiros se desenvolvesse. Se este matos fosse único, ou raro, poderia ser responsável por um movimento pendular como o que observamos. DeMasi (2006), no baixo rio Canoas, tem datas semelhantes às do Rincão. Embora no mesmo planalto devam existir outros pinheirais pioneiros sua importância ainda não foi destacada.

Assim construímos nossa hipótese para o sítio: grupos indígenas do que historicamente passou a ser chamado Jê Meridional viviam da caça e coleta nos campos do planalto, recortados por pequenos cursos de água com estreitas matas ribeirinhas; os carvões encontrados nos perfis palinológicos podem ser invocados como testemunhas dessa presença e atividade. Quando esses caçadores descobriram o pinheiral pioneiro junto ao alto esporão do Rincão dos Albinos passaram a explorar também suas sementes, junto com as frutas que amadurecem concomitantemente e os animais atraídos por elas. Para isso, acampavam junto aos pequenos banhados de altura, durante a transição do período quente do ano para o frio, transformando-o em tempo da fartura, de conagração, de festa. E, quem sabe, em provisão para outras estações, em que estariam caçando no campo e queimando sua vegetação para atrair os animais, especialmente veados, pelo rebrote das ervas. As famílias, ou clãs, que convergiam de diversos lugares do planalto, ocupavam lugares separados no acampamento, voltando sempre aos pontos anteriores. A população seria dispersa e, além dos sepultamentos em abrigos, teria ali seu ponto de referência.

No planalto há poucos outros sítios de ‘casas subterrâneas’ com datas parecidas: Taió (Schmitz *et al.*, 2009), Passos Maia (Schwengberg *et al.*, 2012), Abdon Batista (DeMasi, 2005), Médio Iguazu (Chmyz, 1981). Ao menos os dois primeiros não têm cerâmica como o Rincão; para os outros não existe informação suficiente. A identificação dessa população como Jê Meridional está ligada à utilização de casas subterrâneas e não à cerâmica.

A partir do aparecimento da cerâmica a população já volta pouco aos velhos acampamentos do Rincão talvez porque a semente da Araucária se tenha tornado disponível em muitos lugares.

Nesta expansão ceramista sobre o planalto, acompanhando o pinheiro, as estruturas vão se tornando maiores, com depressões alcançando 20 m de diâmetro e 6 m de profundidade sobre largas plataformas construídas e acompanhadas de aterros-plataforma com até 30 m de diâmetro e 2,20 m de altura, estas construídas em etapas sucessivas. A ocupação se torna mais duradoura, mas sem abandonar a mobilidade necessária para manter o domínio de um território.

Além das estruturas construídas podem se constituir em centros de referência comunitária também as grutas e fendas rochosas nas quais se depositam os falecidos e os ‘danceiros’ e ‘estruturas anelares’ que guardam as

cinzas dos cremados (DeMasi, 2001, 2005, 2009; Muller & Mendonça de Souza, 2011; Muller org., 2011; Corteletti, 2012).

Para o abastecimento desses núcleos já não seria suficiente o manejo florestal e se tornaria necessário o cultivo de plantas domesticadas como o milho, a mandioca, as abóboras e talvez os inhames (Corteletti, 2012).

Esta nova forma de ocupação é bem ilustrada com a pesquisa feita no lugar chamado Boa Parada, junto à cidade de São José do Cerrito, distante vinte quilômetros da comunidade de Rincão dos Albinos (Schmitz *et al.*, 2010 e capítulo neste volume).

## 9. O Rincão dos Albinos no povoamento Jê Meridional de Santa Catarina

Na planície costeira e no litoral atlântico observa-se um desenvolvimento paralelo, mas diferente desse do planalto. Com datas parecidas às do Rincão dos Albinos e também sem cerâmica, foi estudado ali o cemitério de Içara (Schmitz *et al.*, 1999). Ao tempo da expansão das casas subterrâneas ceramistas do planalto das Araucárias, realiza-se ali a expansão das aldeias de pescadores ceramistas diretamente sobre o litoral oceânico. (Silva *et al.*, 1990; Schmitz *et al.*, 1993; Schmitz & Verardi, 1996; Fossari, 2004, entre outros).

Quando juntamos as datas do sítio do Rincão dos Albinos com as de outros sítios do planalto, da planície costeira e do litoral oceânico de Santa Catarina, percebemos que ele está bastante acompanhado no tempo e no espaço (ver também figura 16) Datas semelhantes também existem no Rio Grande do Sul, em menor escala no Paraná, mas não as acrescentamos na lista para não complicar sua leitura. Elas podem ser vistas no capítulo 'História do Povoamento Jê Meridional' do livro de Farias & Schmitz, 2012.

Na lista abaixo, os elementos sublinhados são os da margem esquerda do fluxo de água, sem marcação os da margem direita, em itálico estão os outros sítios com datas semelhantes. As datas estão calibradas em dois sigmas, a não ser que se indique outra coisa.

*Urubici (esqueleto): AD 215 (De Masi, 2001),*

*Içara (cemitério): AD 320 a 420 (Beta-72197),*

*Alfredo Wagner (esqueleto): AD 340 (De Masi, 2001),*

*Içara (cemitério): AD 440 a 640 (Beta-72196),*

*Taió: AD 580 a 690 (Beta-247953),*

*Janela 14: AD 590 a 670 (Beta-297431),*

*Tapera: AD 630 a 990 (Silva et al., 1990),*

Casa 27: AD 640 a 680 (Beta-319363), 1ª ocupação,

Casa 14: AD 650 a 690 (Beta-316465), 1ª ocupação,

Casa 14: AD 650 a 770 (Beta-293588), 1ª ocupação,

Casa 17: AD 650 a 770 (Beta-293589), 1ª ocupação,

Casa 27: AD 650 a 710 e AD 750 a 770 (Beta-319370), 2ª ocupação,

*Ribeirão da Herta (esqueleto): AD 660 (De Masi, 2001),*

*São Joaquim (4 esqueletos): AD 660 a 768 (De Masi, 2001),*

Casa 26: AD 660 a 780 (Beta-319374), 2ª ocupação,

Casa 26: AD 660 a 730 e AD 740 a 770 (Beta-319372), 3ª ocupação,

Casa 26: AD 670 a 780 e AD 790 a 800 (Beta-319371), 4ª ocupação,  
Casa 26: AD 670 a 780, AD 790 a 810 e AD 850 a 850 (Beta-329373),  
 4ª ocupação,  
 Janela 3: AD 670 a 880 (Beta-297430),  
 Taió: AD 670 a 900 e AD 920 a 950 (Beta-228165),  
 Abdon Batista: AD 680 a 760 (DeMasi, 2005),  
 Casa 25: AD 710 a 750, 760 a 900, 920 a 960 (Beta-293590),  
 Taió: AD 720 a 740 e 770 a 970 (Beta-229856),  
 Rio do Meio: AD 720 a 840 (Fossari, 2004),  
 Cel. Passos Maia: AD 780 a 840 (Mello et al., 2012),  
 Anita Garibaldi: AD 860 a 940 (DeMasi, 2005),  
 Janela 8: AD 870 a 1010 (Beta-293591), 1ª cerâmica,  
 Casa 2: AD 890 a 1020 (Beta-297429),  
 Anita Garibaldi: AD 920-1040 n.cal. (Müller org., 2011)  
 Anita Garibaldi: AD 930 a 1010 (DeMasi, 2005),  
 Laguna (Galheta IV): AD 930 a 1010 (De Blasis et al., 2007),  
 Anita Garibaldi: AD 970 a 1050 (DeMasi, 2005),  
 São Francisco (Forte Mal. Luz): AD 970 a 1170 (Bryan, 1961),  
 Anita Garibaldi: AD 1000-1140 n. cal. (Müller org., 2011)  
 Boa Parada AD 1030 a 1210 (Beta-351740)  
 Boa Parada AD 1030 a 1210 (Beta-351742)  
 Boa Parada AD 1050 a 1250 (Beta-357350)  
 Abdon Batista: AD 1070 a 1150 (DeMasi, 2005),  
 Florianópolis (Base Aérea): AD 1080 a 1220 (Rohr, 1959),  
Casa 4: AD 1160 a 1260. 2ª ocupação? Cerâmica por cima dela,  
 Boa Parada: AD 1160 a 1270 (Beta-242151),  
 Anita Garibaldi: AD 1170-1290 n. cal. (Müller org., 2011)  
 Boa Parada: AD 1210 a 1290 (Beta-275576),  
 Anita Garibaldi: AD 1220 a 1300 (DeMasi, 2005),  
 Abdon Batista: AD 1220 a 1300 (DeMasi, 2005),  
 Abdon Batista: AD 1260 a 1340 (DeMasi, 2005),  
 Taió: AD 1270 a 1410 (Beta-214197),  
 Boa Parada: AD 1290 a 1420 (Beta-242152),  
 Boa Parada: AD 1290 a 1320 (Beta- 275575).  
 Boa Parada AD 1290 a 1410 (Beta-357351)  
 Anita Garibaldi: AD 1300-1440 n. cal. (Müller org., 2011)

As datas do cemitério de Lçara e dos esqueletos escavados em abrigos do planalto de Santa Catarina indicam que, antes de captarmos seus acampamentos junto a pinheirais do planalto, essas populações estavam presentes no planalto e na planície costeira. Eram móveis e depositavam seus mortos em lugares facilmente reconhecíveis: os que migravam nos campos do planalto em abrigos rochosos, os que migravam na planície costeira num cemitério coletivo junto à desembocadura do rio Araranguá. Os sítios do Rincão dos Albinos e de Taió, especialmente o primeiro, permitem captá-los em seus acampamentos sazonais de abastecimento crítico e mostram que eles

continuam muito móveis. Os outros sítios não foram trabalhados com o mesmo detalhe e ajudam pouco a caracterizá-los sob este aspecto.

Não é através da cerâmica que os identificamos porque durante séculos não a conheciam; no planalto os reconhecemos por seu movimento de terra na construção de estruturas; na planície costeira pela forma de tratar os mortos.

As datas mostram que existe um limite mínimo a partir do qual nos damos conta de sua presença; ele se localiza ao redor de meados do primeiro milênio de nossa era, o que é bastante crítico quando pensamos na proposta dos linguistas de que o grupo formador teria começado sua dispersão a partir dos cerrados do Brasil Central ao redor de 3.000 anos atrás. E é crítico também quando tentamos entender a queima dos campos, entre aproximadamente 4.000 anos e o aparecimento das casas subterrâneas no planalto. Seriam estes os primeiros sinais da presença Jê Meridional? Este limite não existe apenas em Santa Catarina, mas também no Rio Grande do Sul e no Paraná (Farias & Schmitz, 2012).

Nesse limite percebemos que já existem grupos diferentes: No planalto das Araucárias, em Santa Catarina, conhecemos um grupo que, durante alguns séculos, desconhecerá a cerâmica e quando a adotar é da sub-tradição Itararé; está bem representado pelo sítio do Rincão. No Rio Grande do Sul, na borda meridional desse planalto, existe outro grupo, que nas mesmas datas iniciais é ceramista, da sub-tradição Taquara; está bem representado por sítios de Caxias do Sul e São Francisco de Paula. Podemos destacar ao menos um terceiro grupo, na planície costeira de Santa Catarina, que também desconhece a cerâmica e quando a adotar é da sub-tradição Itararé; está representado no cemitério de Içara.

A existência, já então, de grupos diferentes, em espaços separados, é mais fácil de entender se admitimos uma história anterior, que ainda não captamos. É verdade que em Santa Catarina e no Paraná existem datas isoladas, mil anos mais antigas que as de nossa lista. Elas estão mal contextualizadas e ainda é difícil atribuí-las ao Jê Meridional. Elas responderiam à proposta dos linguistas e à queima dos campos. O intervalo de mil anos entre estas datas e as ligadas a povoamentos concretos continua um grande empecilho.

Com o aparecimento da cerâmica Itararé, ao redor do século IX/X de nossa era, os velhos sítios de Santa Catarina deixam de ser ocupados; o povoamento se expande sobre o planalto das Araucárias e se afirma no litoral na forma de grandes aldeias de pesca. No planalto ela acompanha a primeira grande expansão da mata de Araucária; na planície costeira, o desenvolvimento da mata atlântica e da mata de restinga e a decadência dos sambaquis.

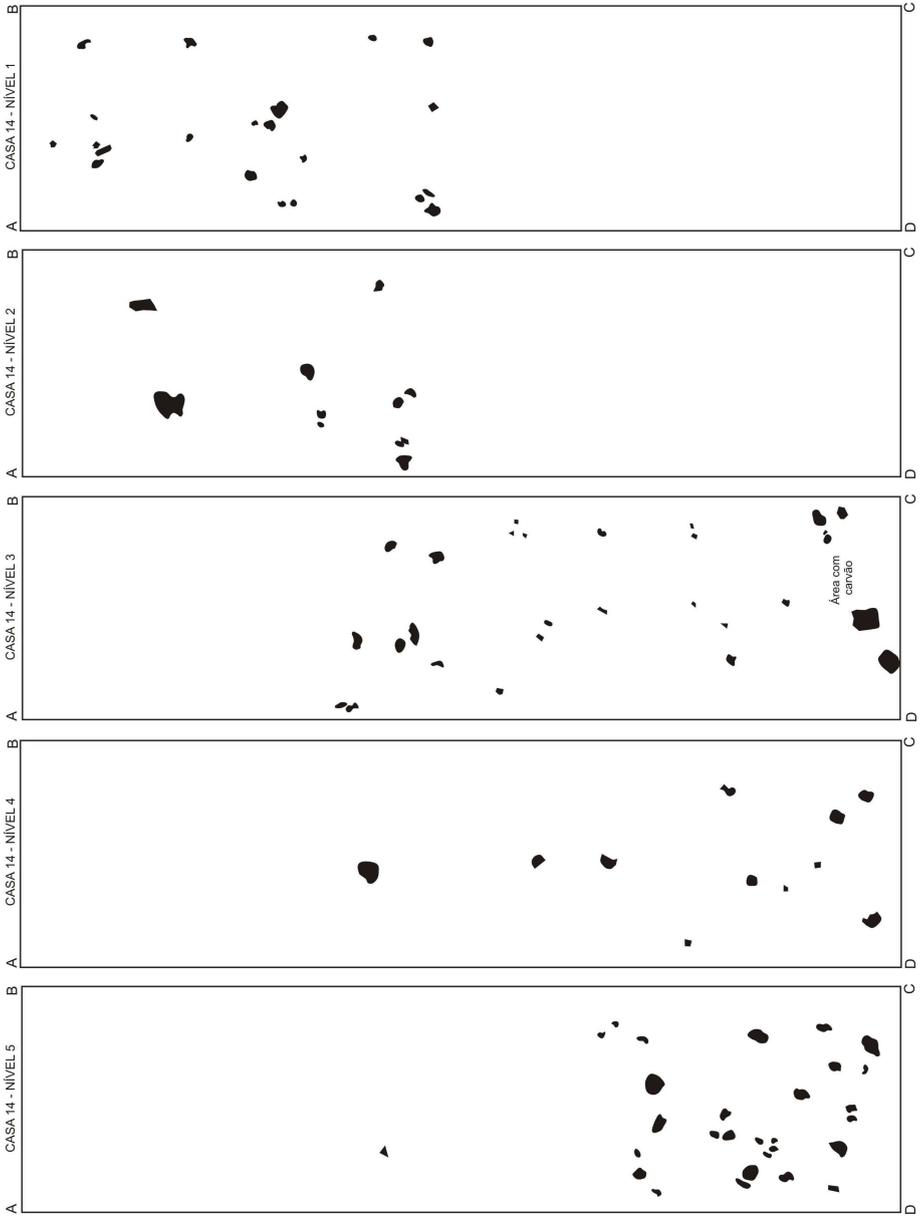
A expansão do povoamento no planalto e no litoral de Santa Catarina tem paralelos no Rio Grande do Sul, no Paraná e sudeste de São Paulo, não necessariamente uma repetição. Esta história pode ser vista com mais detalhe em Schmitz & Rogge, 2012, também neste volume, e em Farias & Schmitz, 2012.

## Referências bibliográficas:

- BAUERMANN, S.G.; BEHLING, H. 2009 Dinâmica paleovegetacional da Floresta com Araucária a partir do final do Pleistoceno: o que mostra a palinologia. In: Fonseca, C.R.; Souza, A.F.; Leal-Zanchet, A.M.; Dutra, T.; Backes, A. & Ganado, G. (eds.) *Floresta com Araucária. Ecologia, conservação e desenvolvimento sustentável*. Ribeirão Preto, Holos Editora, p. 35-38.
- BRYAN, A.L. 1961 Excavation of a Brazilian shell mound. *Science of Man*, Mentone 1(5): 148-151.
- CHMYZ, I. 1981 *Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área da usina hidrelétrica Salto Santiago (1979-1980)*. Curitiba/Florianópolis: Eletrosul/IPHAN.
- CORTELETTI, R. 2012 *Projeto arqueológico Alto Canoas – PARACA. Um estudo da presença Jê no Planalto Catarinense*. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. (Tese de doutorado).
- DE BLASIS, P.; KNEIP, A.; SCHEEL-YBERT, R.; GIANNINI, P. C. & GASPAR, M. D. 2007 Sambaquis e Paisagem. Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueologia Suramericana* 3(1): 29-61.
- DE MASI, M.A.N. 2001 Pescadores coletores da costa sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 57: 1-136.
- DE MASI, M.A.N. 2005 Relatório Final – Projeto de Salvamento Arqueológico Usina Hidrelétrica Campos Novos. 277p.
- DE MASI, M.A.N. 2006 Arqueologia das terras altas do Sul do Brasil. O baixo vale do rio Canoas, SC. In: DE MASI, M.A.N. (org.) *Xokleng 2860 a.C. As terras altas do Sul do Brasil*. Florianópolis: Editora UNISUL, p. 47-75.
- DE MASI, M.A.N. 2009. Centros cerimoniais do Planalto Meridional: uma análise intrasítio. *Revista de Arqueologia* 22(1): 99-113.
- DE MASI, M.A.N. s.d. Arqueologia do Alto Rio Uruguai - UHE Foz Do Chapecó (Reservatório). De Masi Arqueologia.
- FARIAS, D.S.E. de & SCHMITZ, P.I. 2012 *Linguagem, dispersão e diversidade das populações macro-jê no Brasil Meridional durante a pré-história brasileira*. Tubarão, Editora da UNISUL.
- FOSSARI, T.D. 2004 *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC. (Tese de doutorado)
- IRIARTE, J. & BEHLING, H. The expansion of Araucária forest in the southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications of th Taquara/Iitararé Tradition. *Environment Archaeology*, vol. 12, nº 2: 115-127. 2007.
- MATTOS, J.R. 2011 *O pinheiro brasileiro*. Florianópolis: UFSC.
- MELLO, A. de B. 2012 Contribuições para a arqueologia do planalto catarinense: escavações no município de Passos Maia. *Cadernos do CEOM, UNOCHAPECÓ*, 36: 169-189.
- MÜLLER, L.M., org. 2011 *Estudo e valorização do patrimônio arqueológico do vale do Rio Pelotas, SC: a contribuição da UHE Barra Grande*. Florianópolis: Scientia Consultoria Científica, 2011.
- MÜLLER, L.M. & MENDONÇA DE SOUZA, S. 2011 Cremações e sepultamentos: as estruturas anelares do planalto. In: Carbonera & Schmitz, orgs. *Antes do Oeste Catarinense, arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó, Argos, p. 269-305.
- REIS, M. J. 2007 *Problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim: Habilis.
- ROHR, J.A. 1959 Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina. *Pesquisas, secção História* 3: 199-266.

- SANTA CATARINA. Secretaria do Estado de Planejamento. 2008 *Atlas de Santa Catarina*. Florianópolis, Governo do Estado.
- SCHMITZ, P.I.; ROSA, A.I.; IZIDRO, J.M.; HAUBERT, F.; KREVER, M.L.B.; BITENCOURT, A.L.V.; ROGGE, J.H. & BEBER, M.V. 1999 Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia* 55: 7-164.
- SCHMITZ, P.I.; VERARDI, I.; DE MASI, M.A.; ROGGE, J.H. & JACOBUS, A.L. 1993 O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé. *Pesquisas, Antropologia* 49:1-181.
- SCHMITZ, P.I. & VERARDI, I. 1996 Cabeçudas: um sítio Itararé no Litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia* 53: 125-169.
- SCHMITZ, P.I.; ARNT, F.V.; BEBER, M.V.; ROSA, A.O. & ROGGE, J.H. 2009 Taió, no vale do Rio Itajaí, SC. O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. *Pesquisas, Antropologia* 67: 185-320.
- SCHMITZ, P.I.; ARNT, F.V.; BEBER, M.V.; ROSA, A.O. & FARIAS, D. S. de 2010 Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. *Pesquisas, Antropologia* 68: 7-78.
- SCHMITZ, P.I. & ROGGE, J.H. 2011 107 'casas subterrâneas' no povoamento inicial do Jê Meridional em Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP* 21: 185-203.
- SCHMITZ, P.I. & ROGGE, J.H. 2012 Pesquisando a trajetória do Jê Meridional. In: II CIAEE – Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-História, Dourados, 2012. Em CD.
- SILVA, S.B. da; SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; DE MASI, M.A.N. & JACOBUS, A.L. 1990 O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia* 45: 1-210.
- URBAN, G. 1992 A história da cultura brasileira segundo as línguas indígenas. In: CUNHA, M.C. da. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 87-102.
- WIESEMANN, U. 1978 Os dialetos da língua Kaingang e Xokleng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. III, ano III, Rio de Janeiro.

**SC-CL-70 - CASA 14**



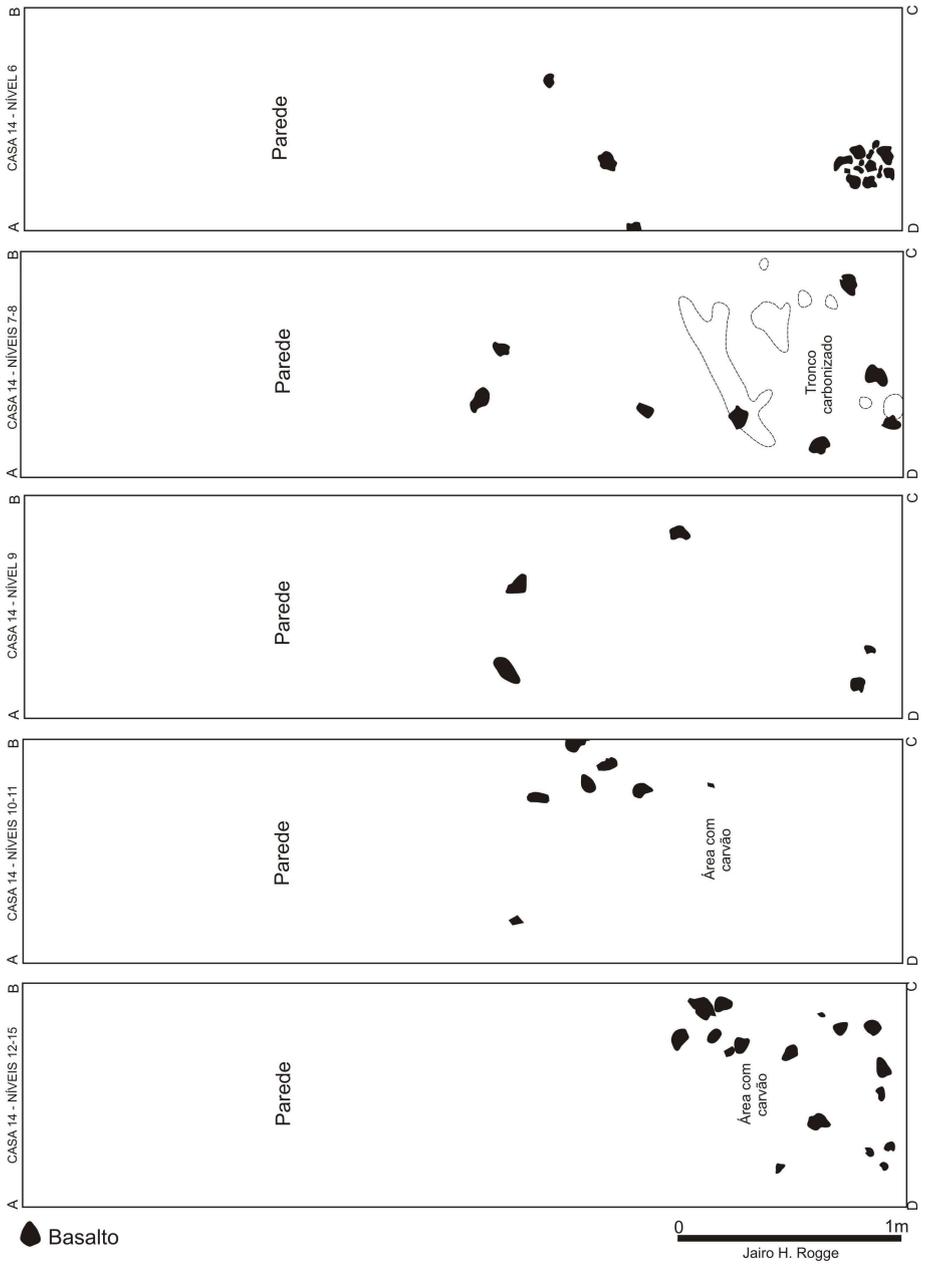
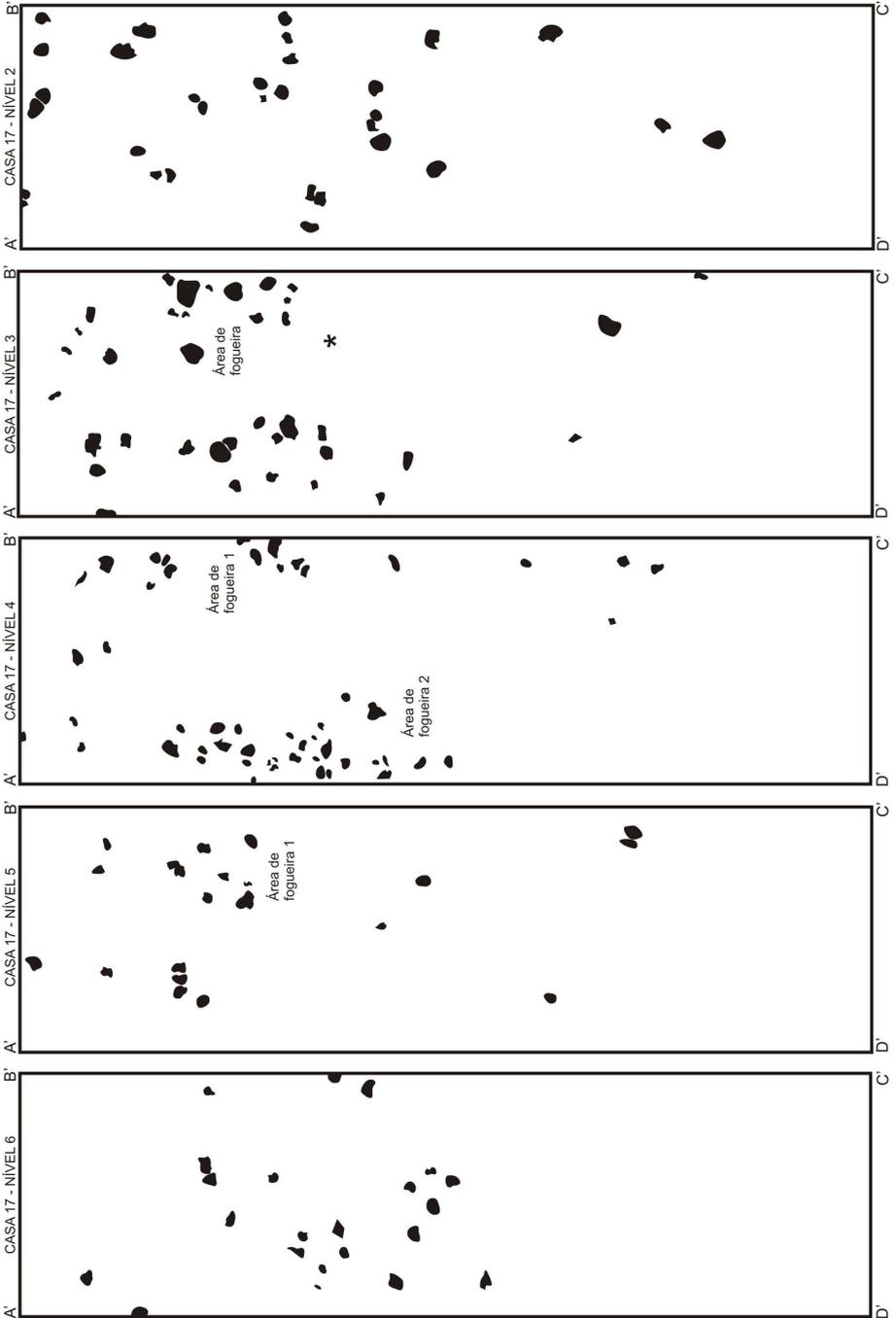


Figura 17. Distribuição do material por níveis de escavação

SC-CL-70 - CASA 17



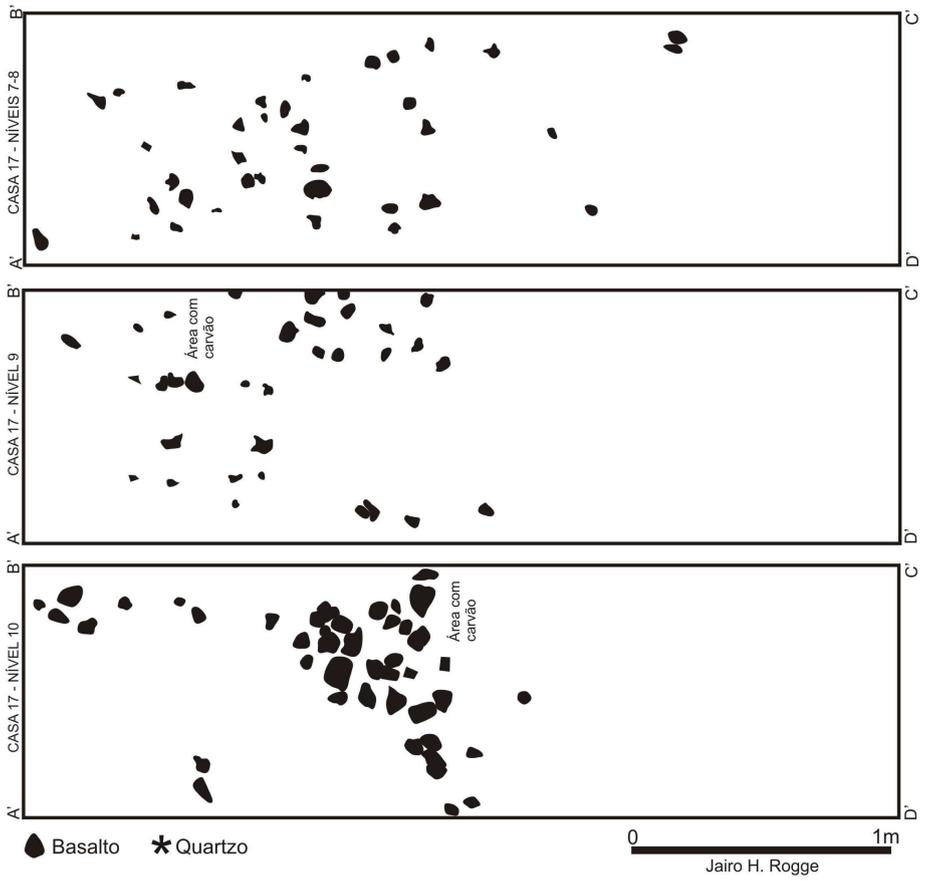
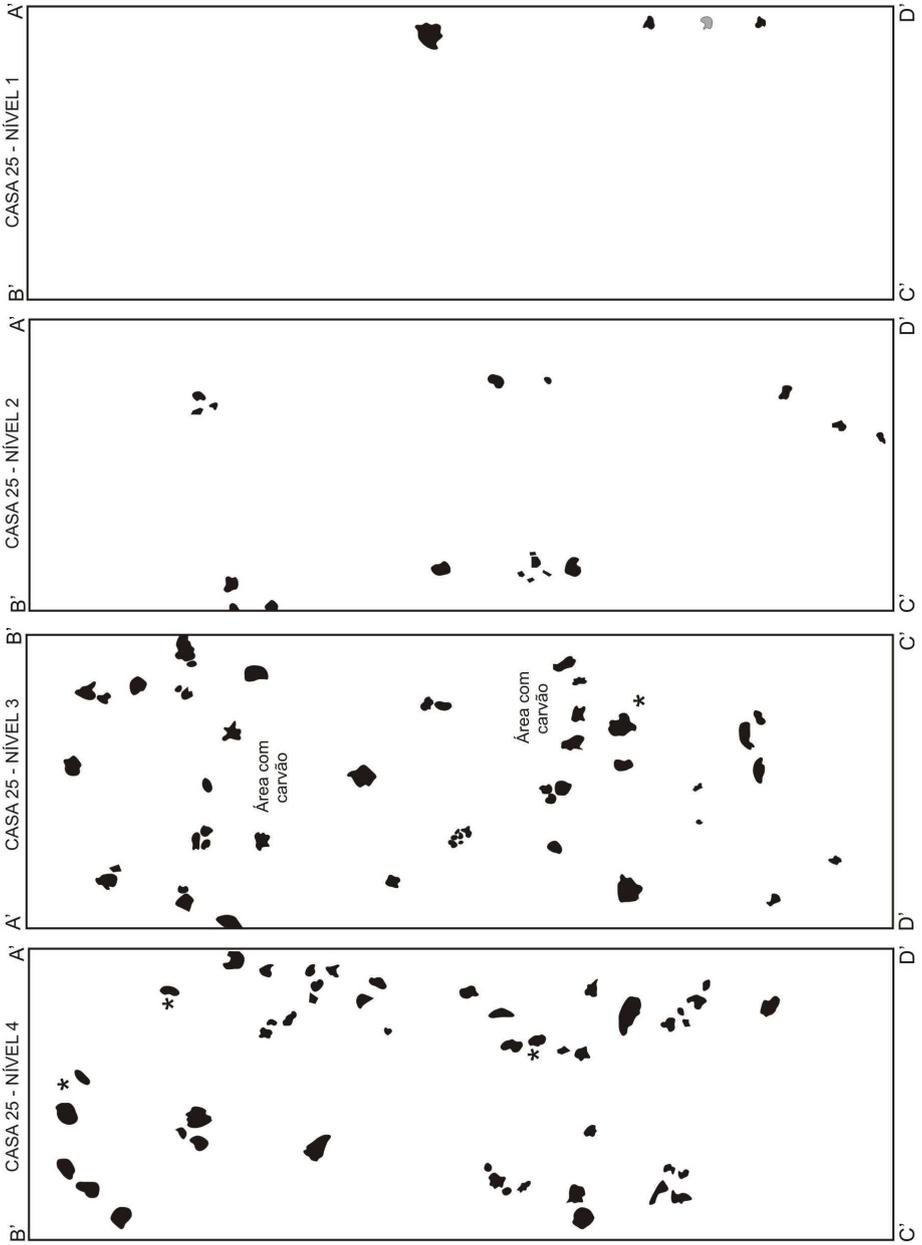


Figura 18. Distribuição do material por níveis de escavação

**SC-CL-70 - CASA 25**



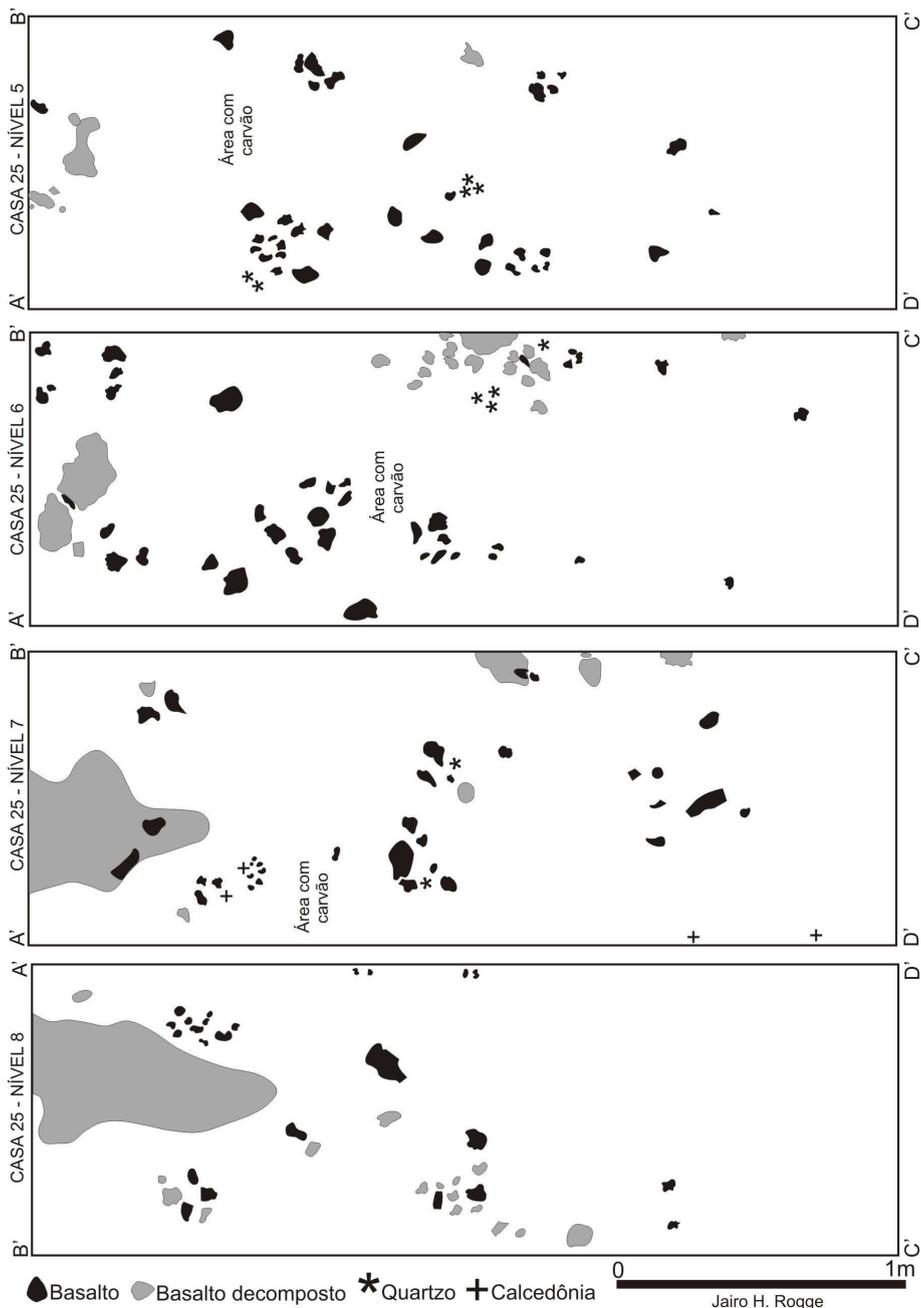


Figura 19. Distribuição do material por níveis de escavação

### SC-CL-70 - CASA 2

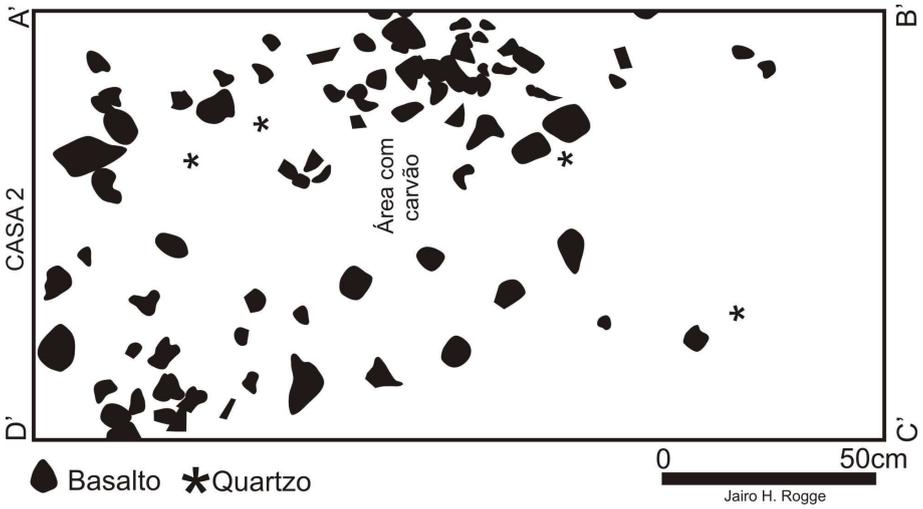
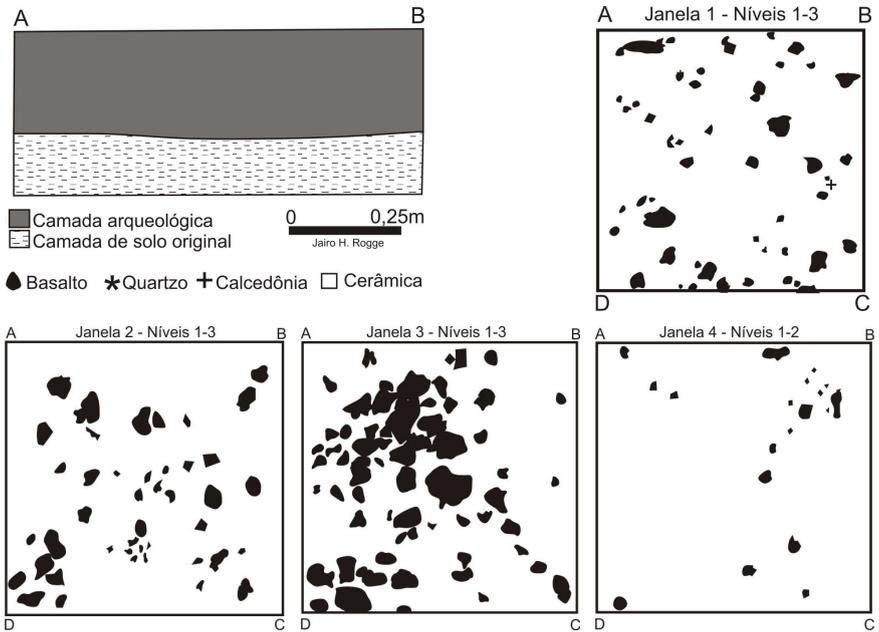


Figura 20. Distribuição do material por níveis de escavação

### SC-CL-70 – Janelas



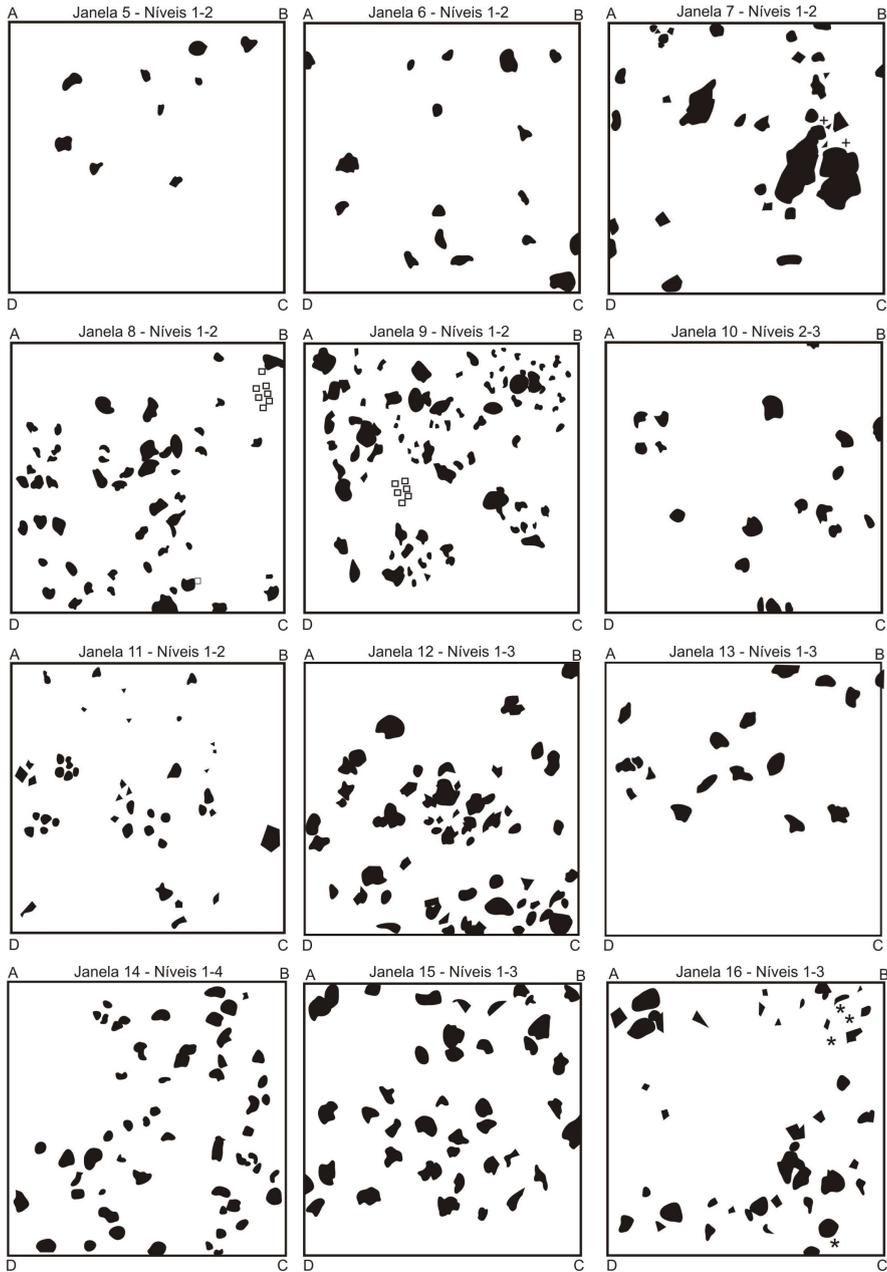
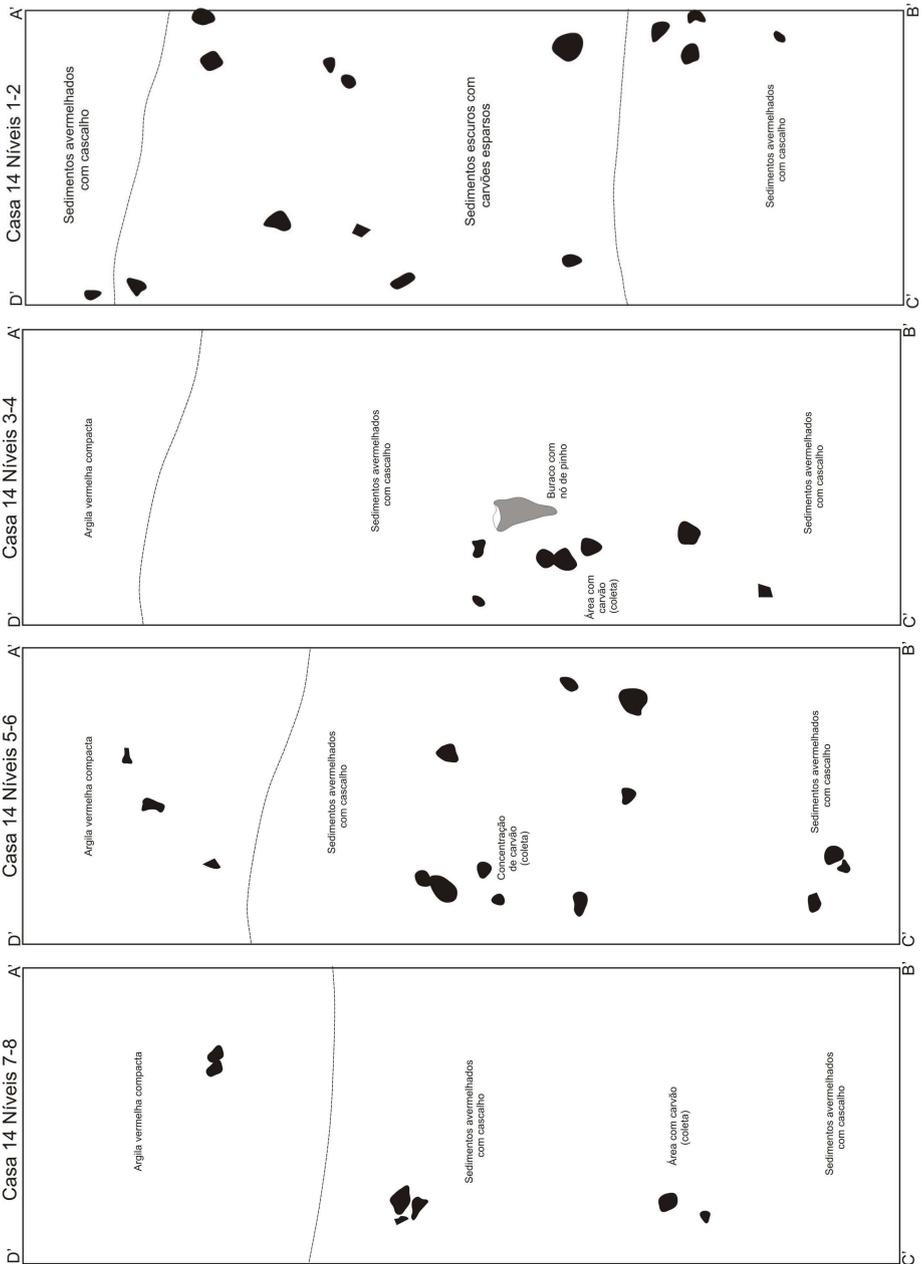


Figura 21. Distribuição do material por níveis de escavação

### SC-CL-71 – CASA 14



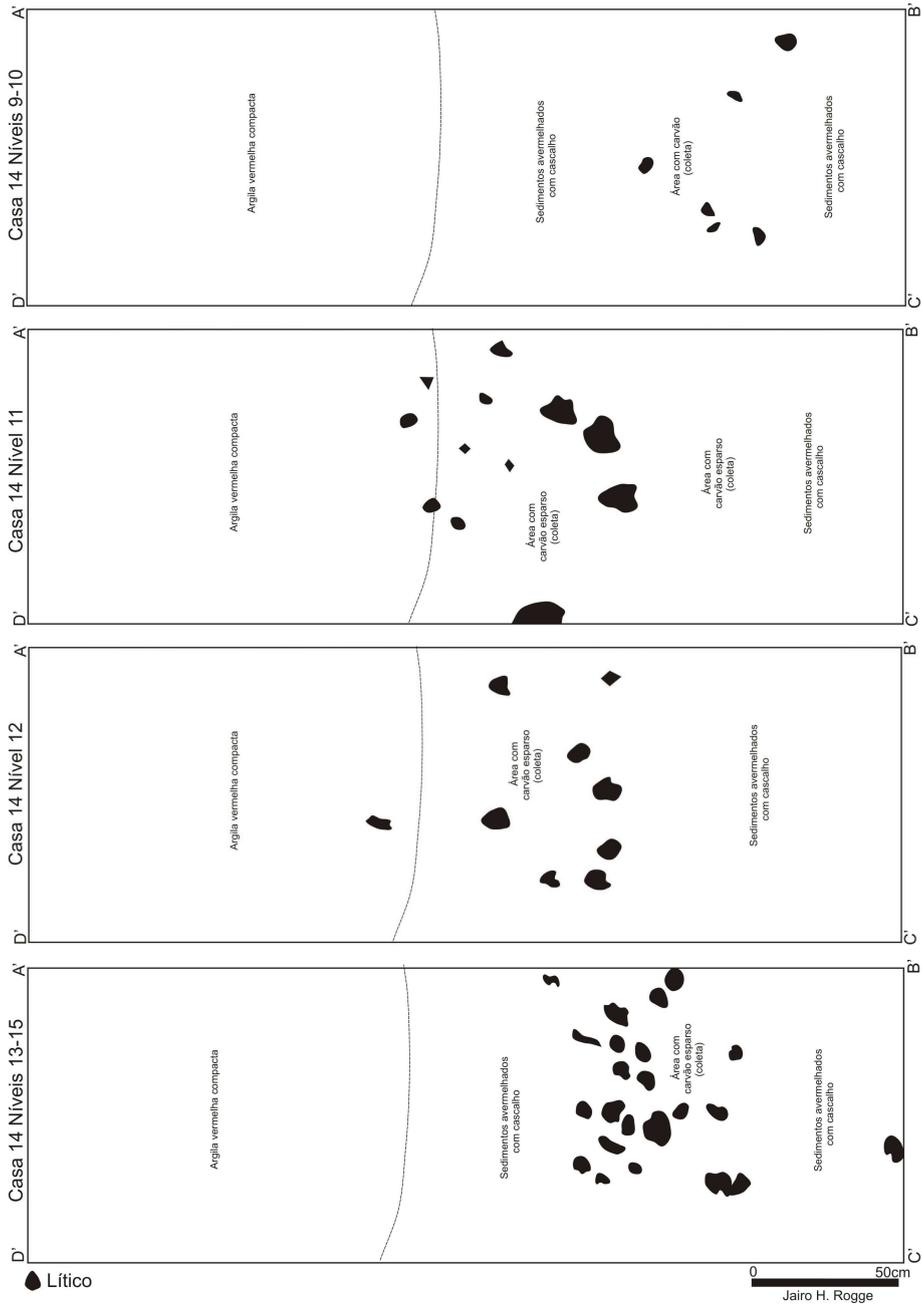
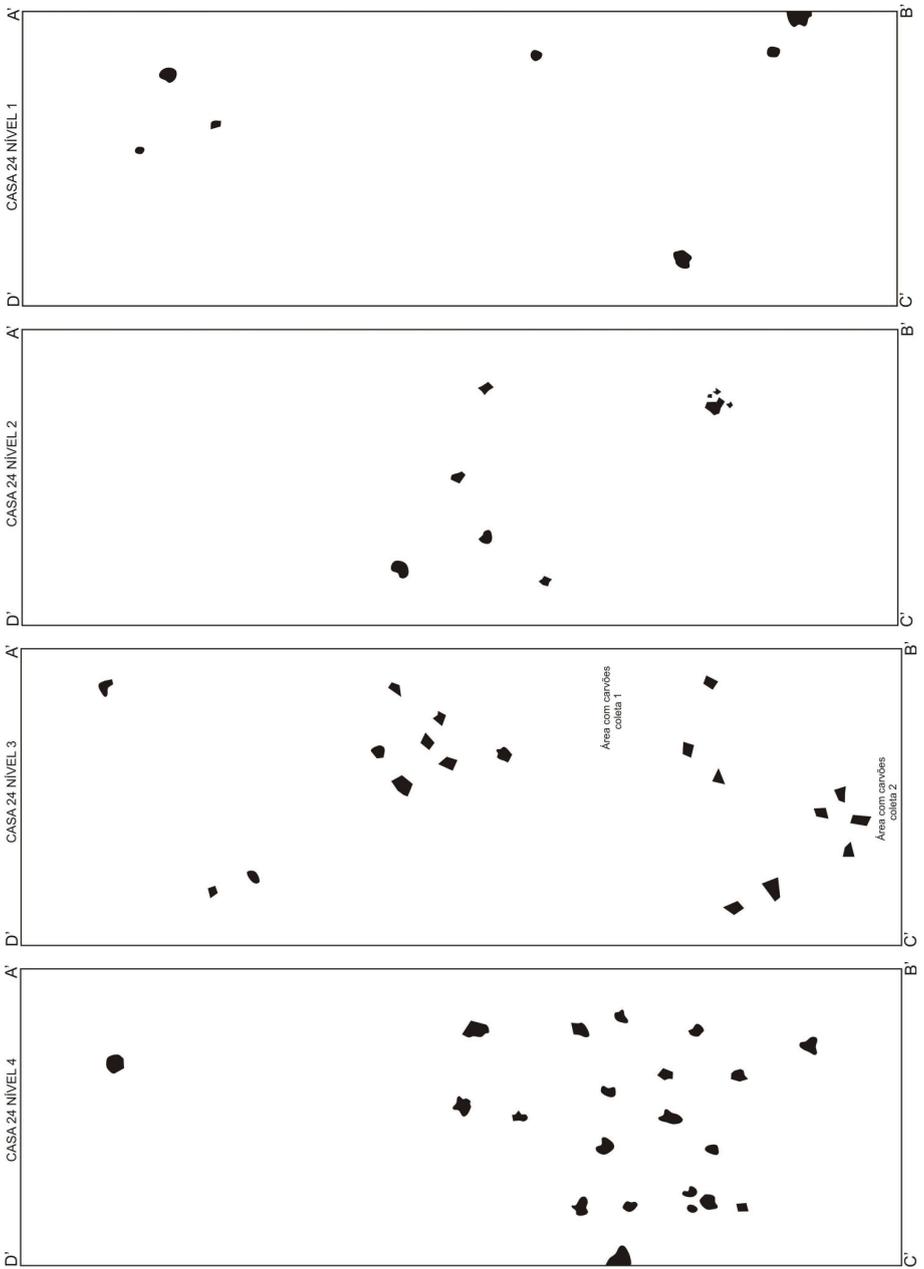


Figura 22. Distribuição do material por níveis de escavação

SC-CL-71 – CASA 24



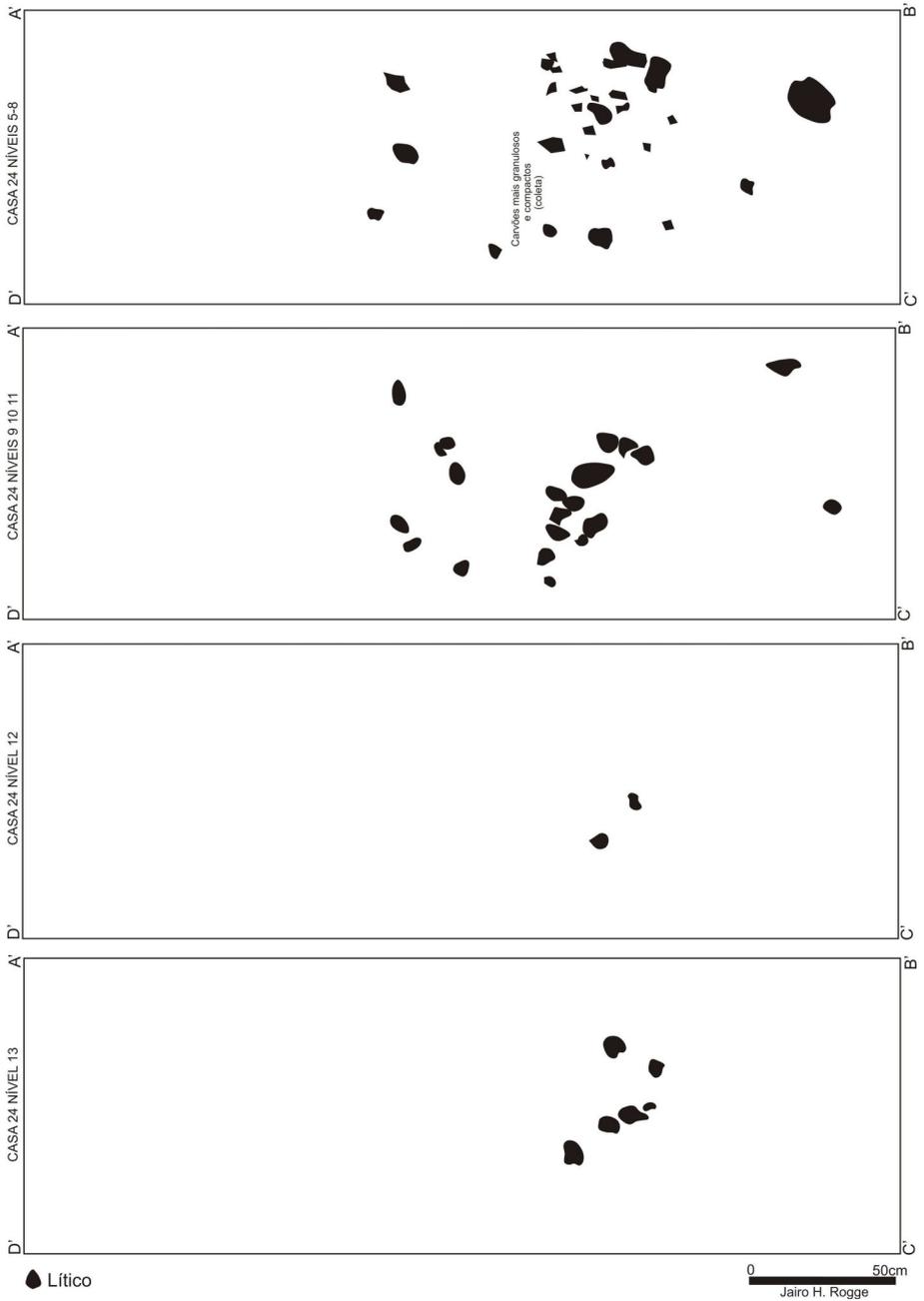


Figura 23. Distribuição do material por níveis de escavação

### SC-CL-71 – CASA 25

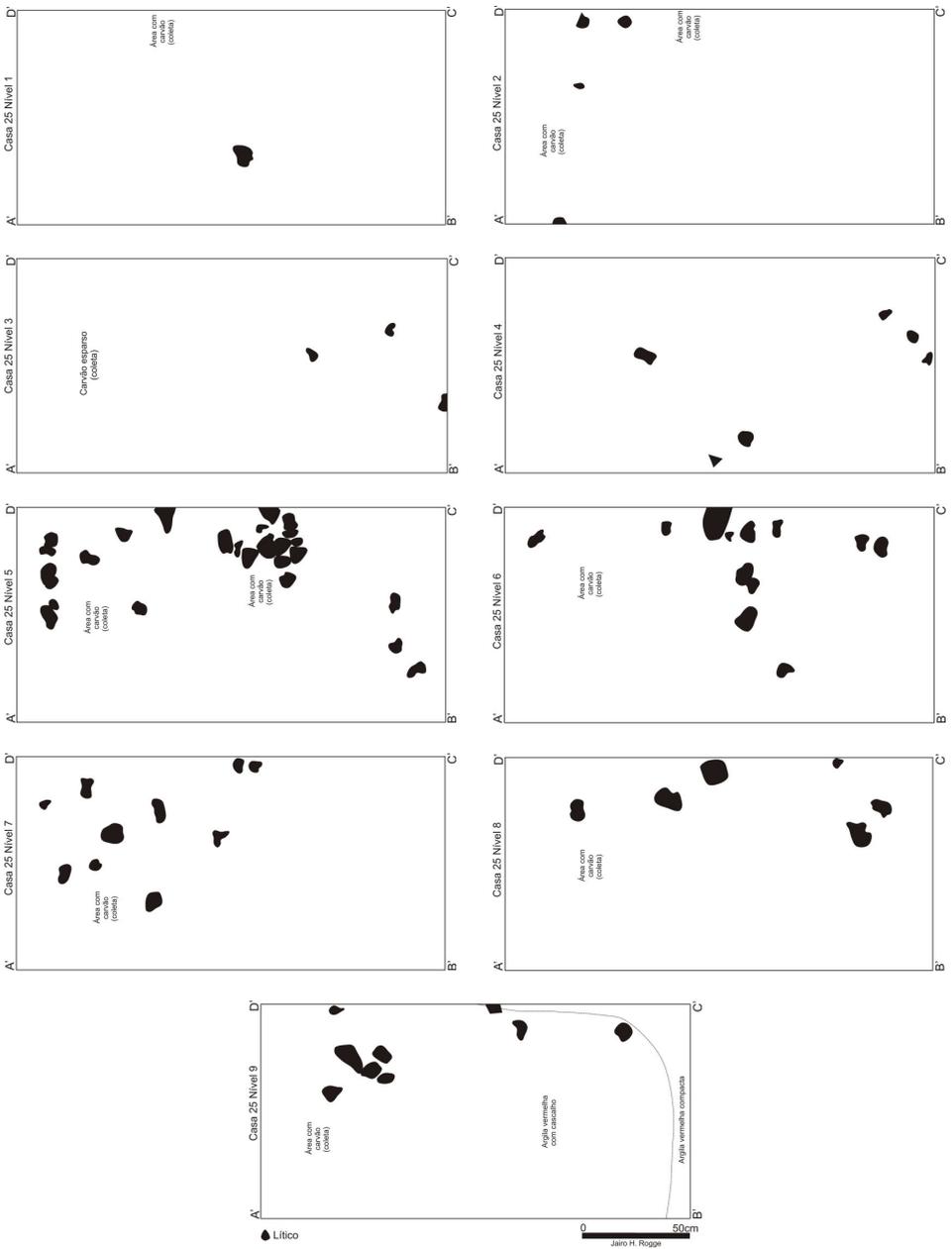
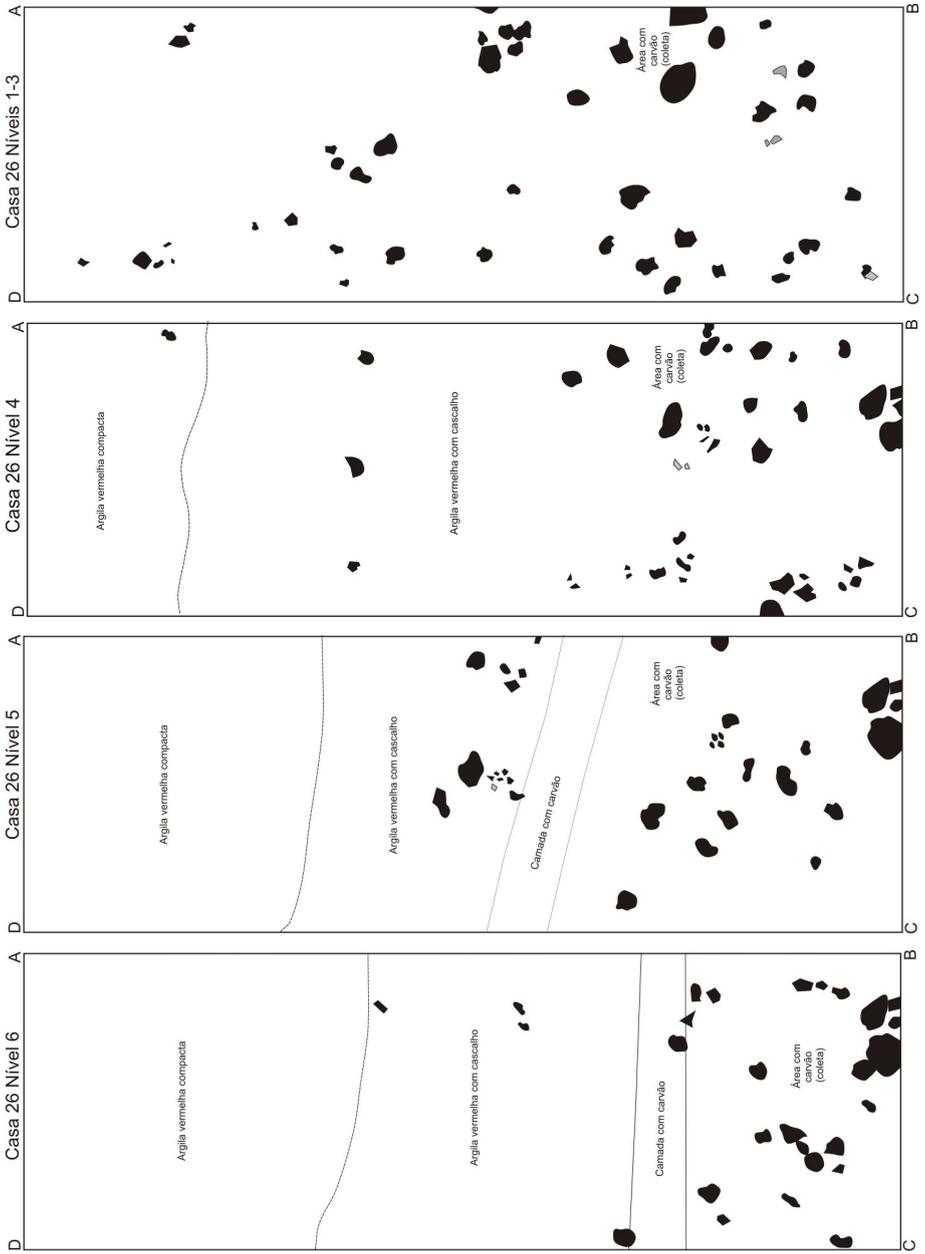


Figura 24. Distribuição do material por níveis de escavação

SC-CL-71 – CASA 26



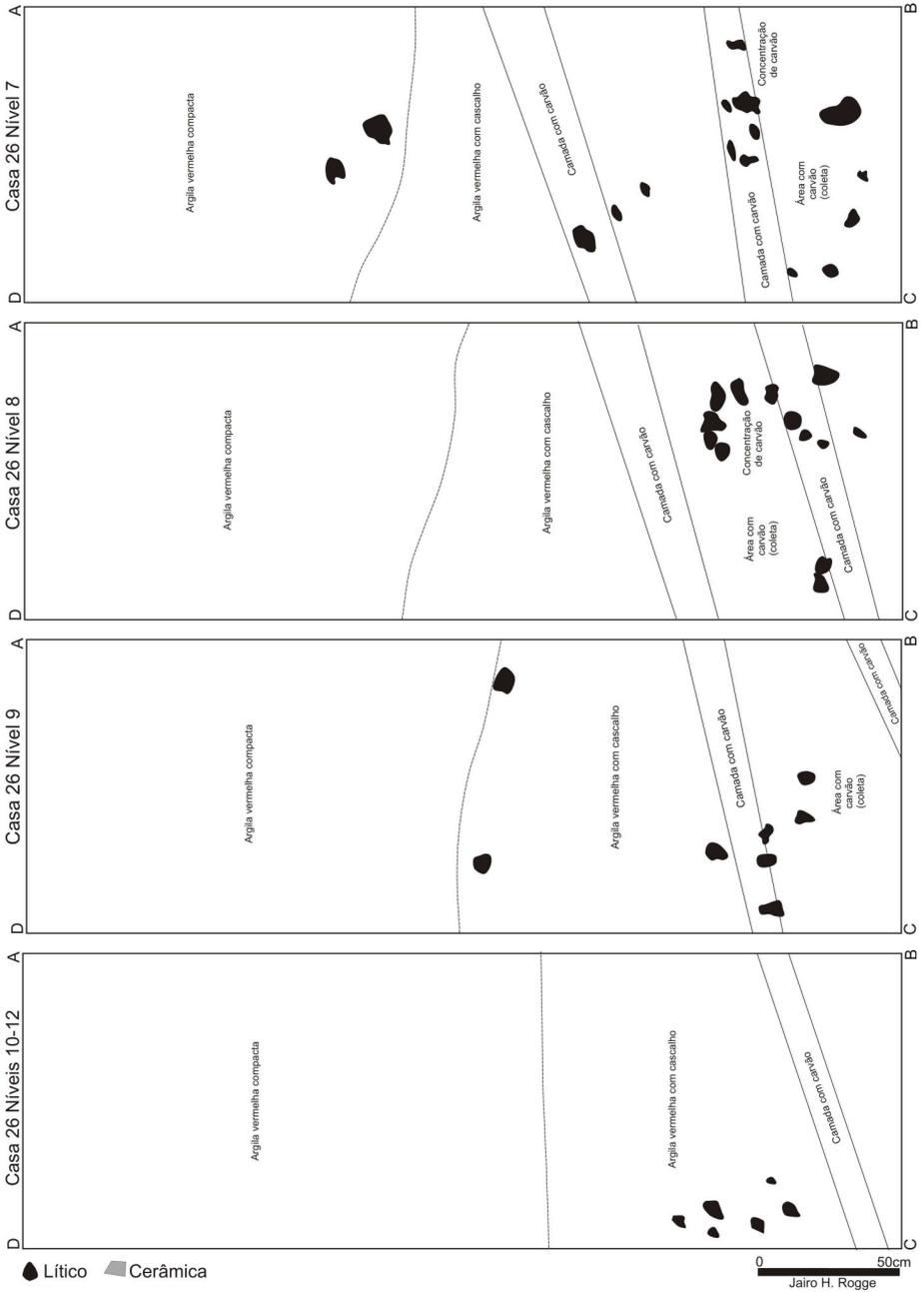


Figura 25. Distribuição do material por níveis de escavação

SC-CL-71 – CASA 27

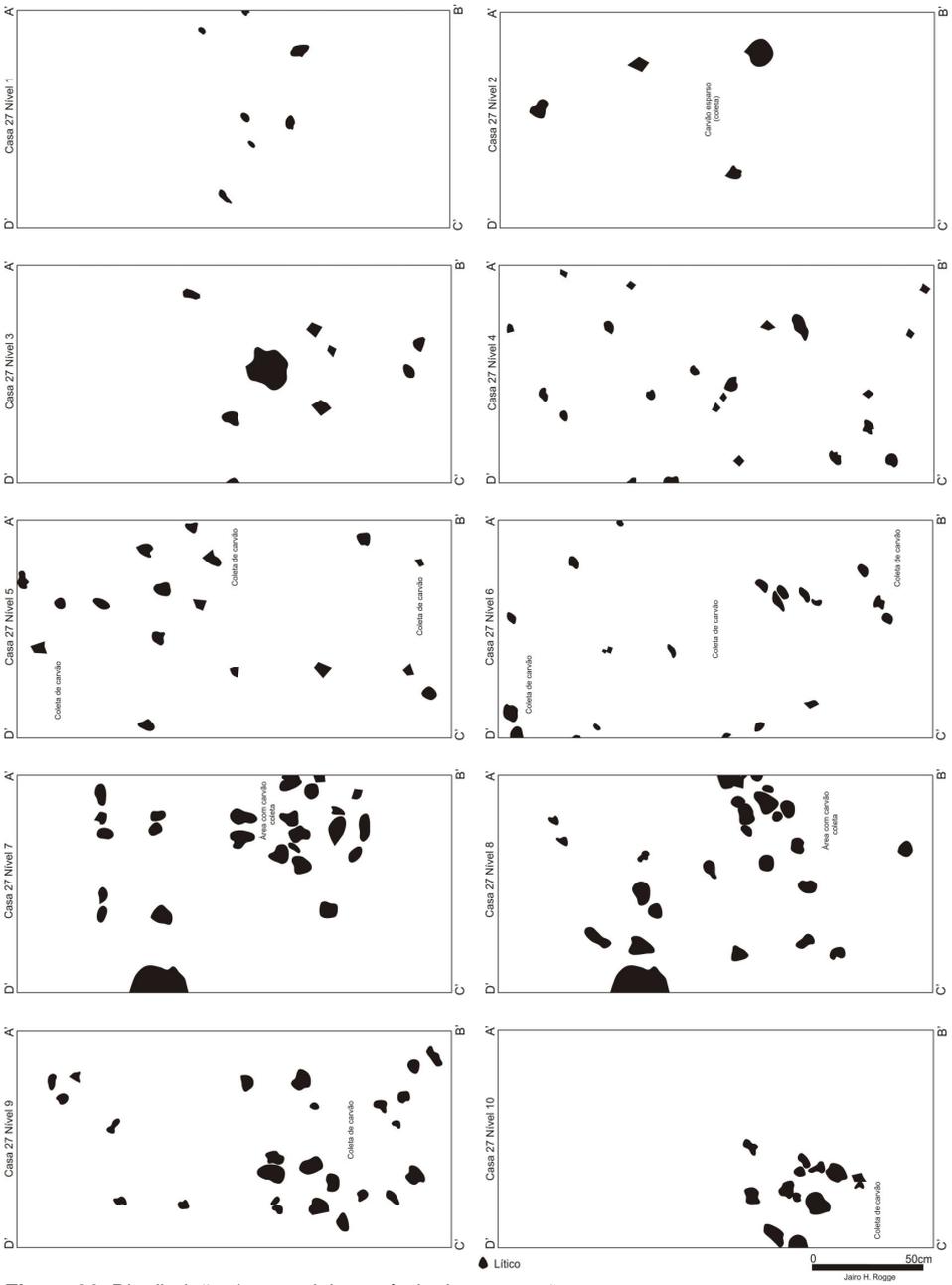


Figura 26. Distribuição do material por níveis de escavação.

SC-CL-71 – CASA 4

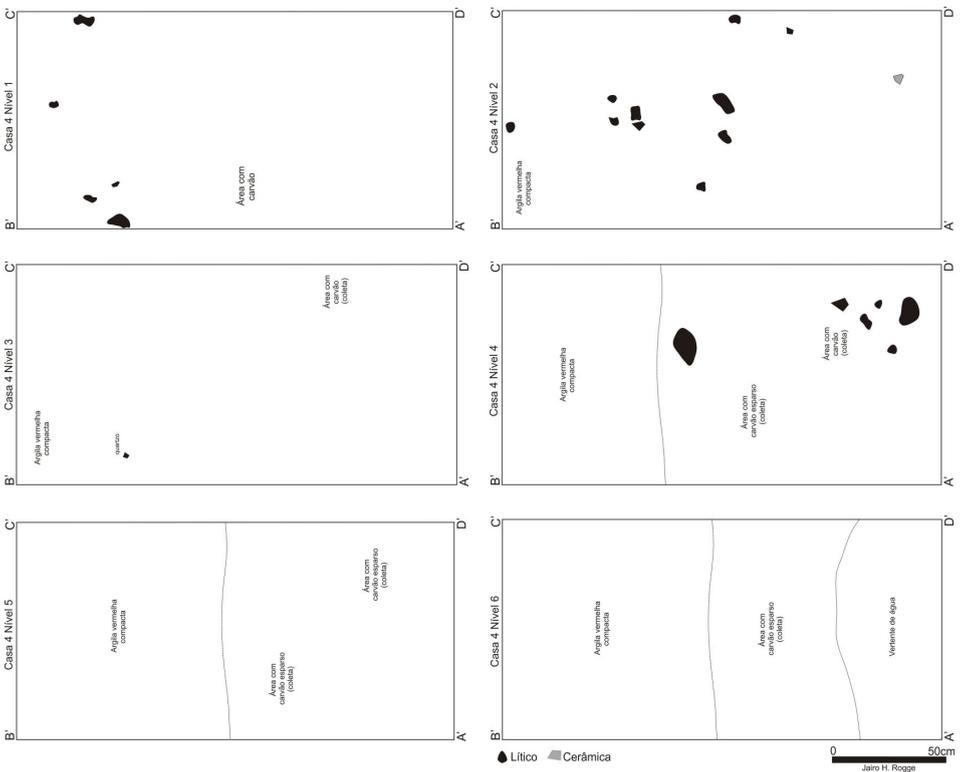


Figura 27. Distribuição do material por níveis de escavação.

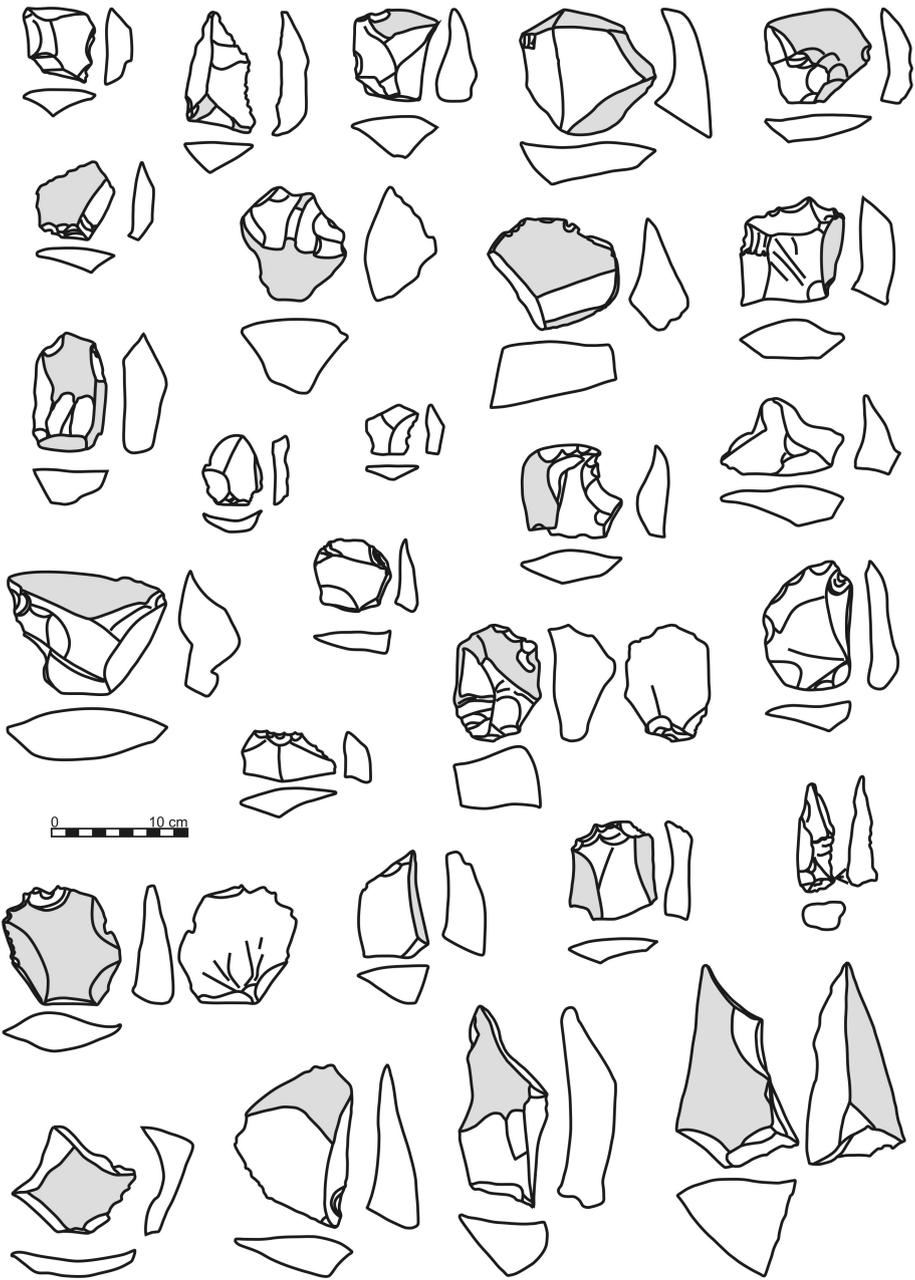
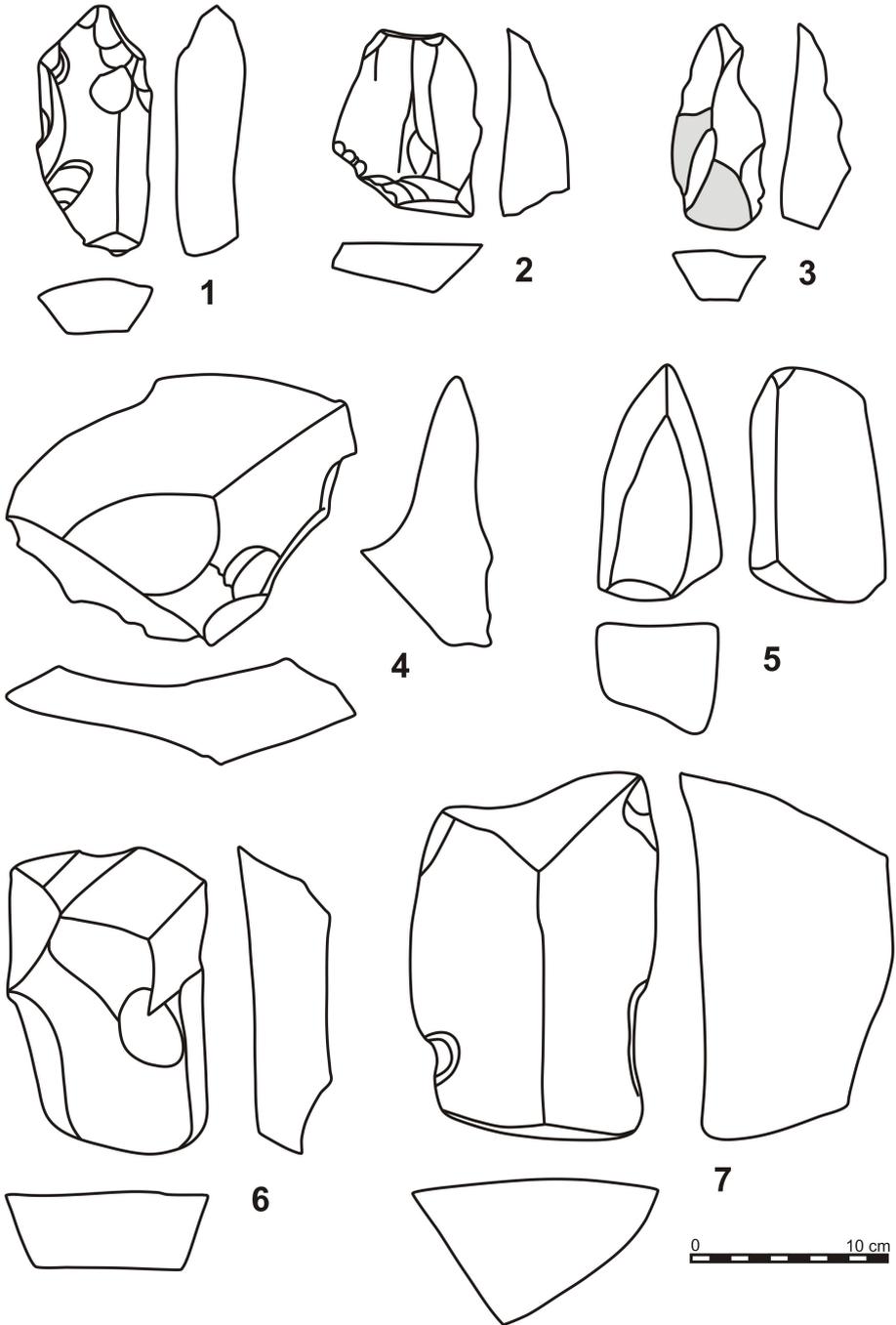


Figura 28. Lascas.



**Figura 29.** 1 = talhador; 2, 3, 4, 6, 7 = lascas; 5 = lâmina alisada.

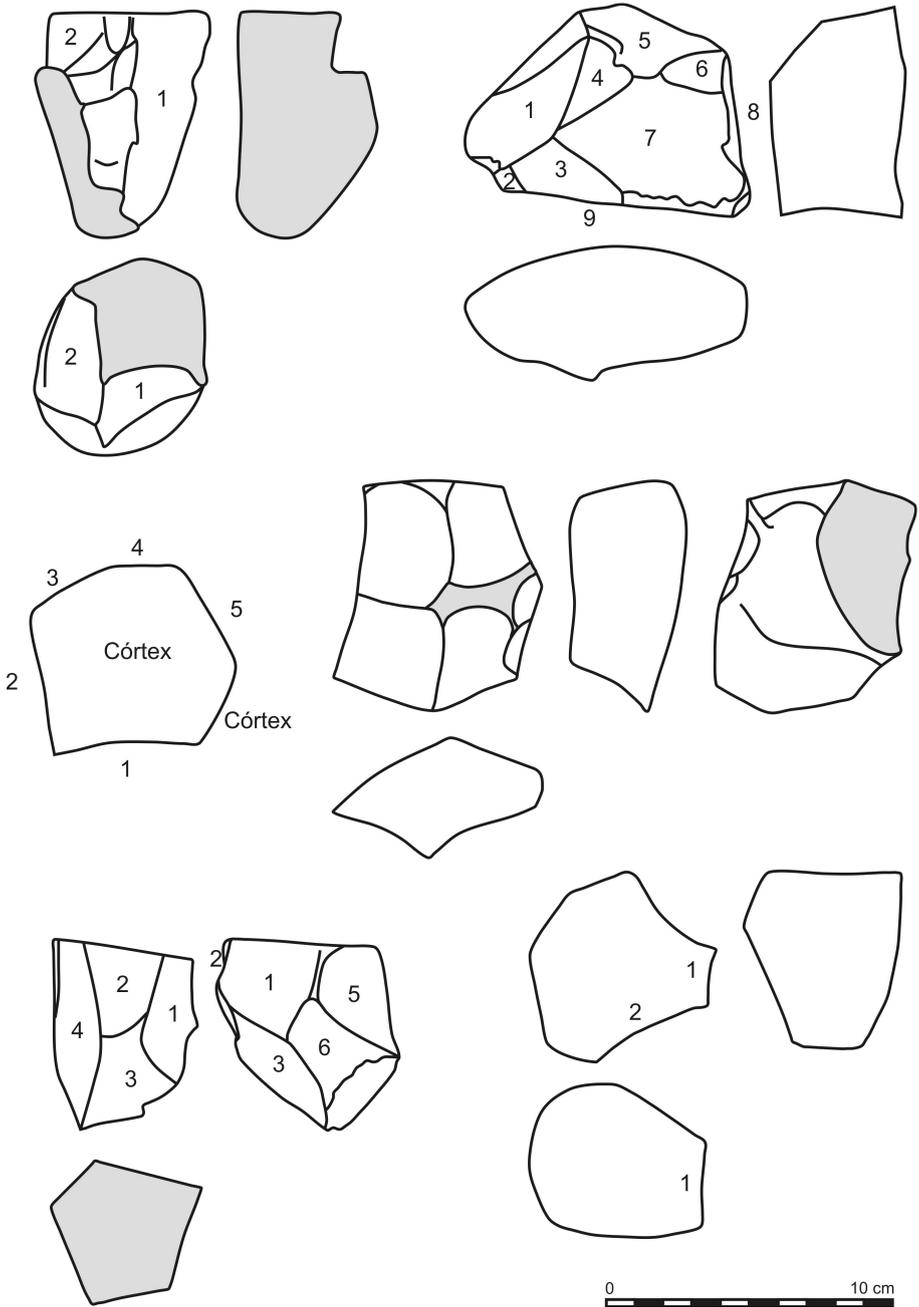
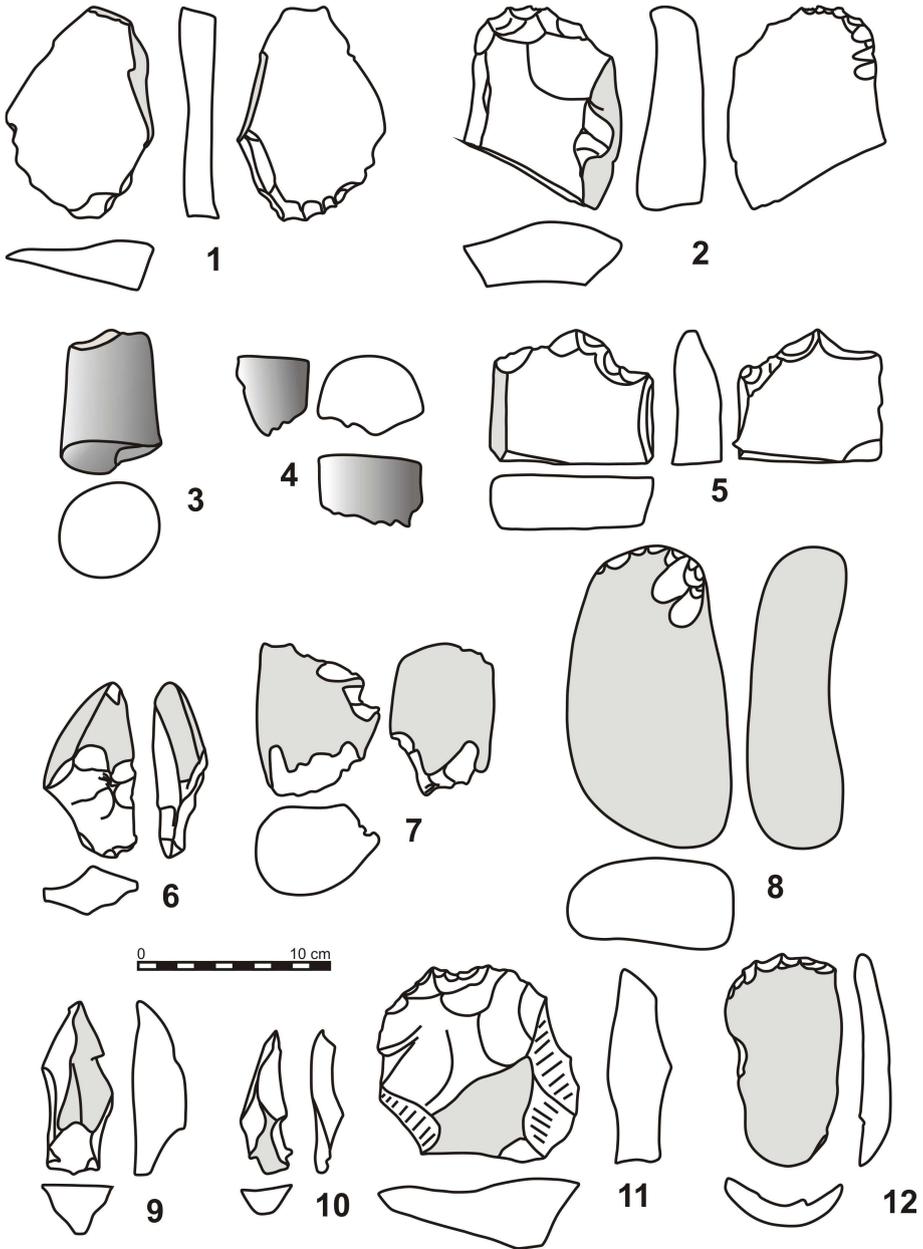


Figura 30. Núcleos.



**Figura 31.** 1, 2, 5, 11 = lascas com trabalho; 3, 4, 7 = mãos de pilão; 8, 12 = seixos com marcas; 6, 9, 10 = lascas de artefatos polidos.



**Foto 1.** Localização do sítio com a mata de encosta e o arroio dos Ribeiros. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 2.** A borda da mata: gramíneas, goiabeiras serranas e a mata mista. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 3.** O banhado, origem do fluxo de água e o pinheiro avançando no campo. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 4.** O conjunto das casas 24, 25, 26, 27 do SC-CL-71. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 5.** A casa 14 do SC-CL-70. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 6.** Base de fogueira da casa 17 do SC-CL-70. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 7.** Fundo da casa 25 do SC-CL-70, o fundo rochoso já aparecendo. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 8.** Corte na casa 2 do SC-CL-70. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 9.** Base de fogueira no corte externo 3 do SC-CL-70. (Fonte: Acervo IAP)



**Foto 10.** Base do corte externo 10 do SC-CL-70, na qual aparece cerâmica. (Fonte: Acervo IAP)

### Tabelas do Material lítico do sítio SC-CL-70

Seixo pequeno (11), médio (12), grande (13), muito grande (14); Fragmento pequeno (21), médio (22), grande (23), muito grande (24); Núcleo pequeno (31), médio (32), grande (33), muito grande (34); Lasca, ou fragmento lascado pequena (41), média (42), grande (43), muito grande (44); mão-de-pilão (5).

Cristal de quartzo (0), Arenito silicificado (\*), calcedônia (a), talhador (e), lâmina de machado (m), sem identificação (s.i.).

CASA 14																	
Nível	11	12	13	14	21	22	23	24	31	32	33	34	41	42	43	44	5
I 1																	
I 2									7	2							
I 3	4	11	1	1	4									2			
I 4		5	1														
I 5	8	12			3					1							
I 6	1	10	2				2						1	1			
I 7	2	14	4		2									1			
I 8		1	3								1						0
I 9	1	3	1														
I 10		1			1												
I 11	1	6	1		1									1			
I 12		1	1														
I 13		6	1														
I 14		1	1														
I 15	1	3															
II 1	11	5			2								2				
II 2	2	3	1		1								2				
II 3	3	4	1														
II 4			1														
II 5													1				

CASA 17																	
Nível	11	12	13	14	21	22	23	24	31	32	33	34	41	42	43	44	5
I 1		3	5			1											
I 2		15	7		3	4				2				1	1 <sup>e</sup>		
I 3					3												0
I 4	19	13	1		11	2					1				3		0
I 5	4	12	1		7					2							0
I 6	3	12	2		7									2	1		
I 7	3	5	4								2						
I 8		10	1		3												m
I 9	6	20	4		2									3			
I 3?	10	18	2	1	4												
II 1															1		
II 2		2															
II 3												1					
II 4	4																
II 5														1	1		
II 7	1	3				1			1 <sup>a</sup>					1			
II 8													1				

CASA 25																	
Nível	11	12	13	14	21	22	23	24	31	32	33	34	41	42	43	44	5
I 1			1														
I 2	1	1	1		1								m1	1			0
I 3	6	8			9	3								1			0
I 4	9	9	5		8	2								2			0
I 5		10			14	1	1						1				0
I 6	4	6	3		10	1				1			3		m		0
I 7	3	6	3		5	1				2,1 <sup>a</sup>					2		0
I 8	5	11	3		3				1			1			1 <sup>o</sup>		
II 1		3															
II 2	3																
II 3	8	2	2		2												
II 4	2	3	1		4								1	1			
II 5		1	1		1												
II 6	3																
II 7	1				4						1						01
II 8	2		1														

CASA 2																	
Nível	11	12	13	14	21	22	23	24	31	32	33	34	41	42	43	44	5
I 1																	
I 2																	
I 3	4	7	2	1										1			
I 4		5	1		2	2								2			
I 5	2	1	1										1				0
I 6	2	3	1		1	1					1						0
I 7	3	3			3										1		
I 8		4	1											1	1		
JAN 1																	
1		5			4									1		1	0
2	6	13	1		10				1 <sup>a</sup>				1				
3	3	4			1					1,1 <sup>a</sup>			1 <sup>a</sup>				
JAN 2																	
1	2																
2	2	8			17								2				
3	6	3											1	o			
4	1																0
JAN 3																	
1	2	3			2	1				2							1
2	1	18	4	1	23 2 <sup>a</sup>	4		2			1			2	1		0
JAN 4																	
1	1	5			7, 1 <sup>a</sup>	1											0
2		1	1		4												
3			1											1			

CASA 2 (cont)																	
Nível	11	12	13	14	21	22	23	24	31	32	33	34	41	42	43	44	5
<b>JAN5</b>																	
I1	2	3			1												
I2		2															
<b>JAN6</b>																	
I1	1	5	1		2												
I2	2				3	1								2			
<b>JAN7</b>																	
I1	8	6			27					1							
I2	5	3		2	8					1				1		1	
<b>Jan8</b>																	
1	7	10	2		6					1							0
2	5	7			10								1				
<b>Jan9</b>																	
1	1	8			3	2											0
2	7	12	1		48	5								2			0
<b>Jan10</b>																	
1	5	2			5	2											
2	4		1		12	3							1	3			a a
<b>Jan11</b>																	
1	14	7			3	1											
2	1				5								1*				
<b>Jan12</b>																	
1	5	7	3		2												
2	5	16	4		12	2								ee	1		
<b>Jan13</b>																	
1	5	2			1												
3	2	9	1		1	2				1				1			
<b>Jan14</b>																	
1		4			2				2								
2	1	8	2		6	1							1,1 a				0
3	8	12			3								1				0
4	2	6	1										1				
<b>Jan15</b>																	
1		1	1														
2	4	11			14	3											
3		5			3	1							1 <sup>a</sup>				0
<b>Jan16</b>																	
1		1	1														
2	5	4			10	1											
3	8	9	4		4	1							1	1			0



CASA 26																	
Nível	11	12	13	14	21	22	23	24	31	32	33	34	41	42	43	44	5
I 1		1	5		1					1							
I 2	5	4	1									1					
I 3					7								2				
I 4	5	7	5	1	9	2					1 <sup>o</sup>		2/1 <sup>a</sup>				
I 5	4	7	8										1	1/1*	1		0
I 6	4	8	5	1	2												0
I 7	7	3		1	4												
I 8	1	14	3								2			2			
I 9																	
I 10			1			2											
I 11	1	1	1														
II 2		1			6												

CASA 14																	
Nível	11	12	13	14	21	22	23	24	31	32	33	34	41	42	43	44	5
I 1	1	2	1	1									1				
I 2			2			1				1			1				
I 3		2	2														
I 4		2				1											
I 5	2		2														
I 6	1	6															
I 7																	
I 8					1	2								1	1		
I 9		2			1	1							1				0
I 10		6	5	1									1 <sup>a</sup>				0
I 11	1	2			9												0
I 12	3		4									1 <sup>a</sup>		1			
I 13	1	2	3		9			1		2							0
I 14	1	1	1									1					
II 1		1											1		1		
II 2		1												1			
II 6					1	1							1				

